

Associação Geral

Teologia da Ordenação

Resumo da Posição nº 2
Relatório da Comissão de
Estudo

Junho de 2014

INTRODUÇÃO E DIRETRIZES

A Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação (TOSC, na sigla em inglês) é o resultado de um pedido feito por um delegado da assembleia da Associação Geral de 2010. A administração da Associação Geral encaminhou esse pedido para o Comitê Administrativo da Associação Geral para a aprovação do processo de estudo da teologia da ordenação em 20 de setembro de 2011.

O objetivo da Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação é seguir cuidadosamente, e em espírito de oração, os termos de referência com o objetivo de atingir o consenso no máximo possível de assuntos. A Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação provê para os membros da comissão uma ampla perspectiva para permitir que o Espírito Santo ajude a trazer consenso, tanto quanto possível.

Considerando que é uma “comissão de estudos”, o processo normal de “votação” não é usado para colocar posições ou representantes um contra o outro. Pelo contrário, a abordagem de estudo é de dar oportunidade para um relatório de consenso nos itens aceitos por consenso. Nos itens nos quais não é possível chegar a um consenso, vários relatórios são preparados para apresentar os diferentes pontos de vista e suas réplicas apropriadas. Através de sessões intensas de oração, estudo da Bíblia, estudo do Espírito de Profecia e das cuidadosas discussões resultantes, a Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação deve focar em soluções que apoiem a mensagem, missão e unidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Em seu estudo, a Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação colabora com as Comissões de Pesquisa Bíblica estabelecidas (BRC's, na sigla em inglês) e dá assistência aos BRC's com uma agenda abrangente a ser revisada. A Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação recebe relatórios dos BRC's das divisões e pode atribuir trabalhos de pesquisa e apresentações aos membros e não membros da comissão para serem revisados pela Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação.

A Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação se reuniu aproximadamente quatro vezes, concluindo seu trabalho em junho de 2014. Um comitê de direção da Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação supervisionou o processo. O trabalho da comissão foi prover o máximo possível de informação ao tema atribuído para ser reexaminado pela Administração da Associação Geral em junho de 2014, e então o relatório completo provido pela Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação foi revisado no Concílio Anual de 2014. O Concílio Anual definiu os itens a serem encaminhados para a assembleia da Associação Geral de 2015.

TERMOS DE REFERÊNCIA

terms of reference	authority and responsibility
<p>1. Supervise the worldwide study of the theology of ordination and its implications, reviewing and analyzing data from the Bible and the Spirit of Prophecy.</p>	<p>1. Power to act.</p>
<p>2. Review the history of the study of ordination in the Seventh-day Adventist Church.</p>	<p>2. Power to act.</p>
<p>3. Develop a comprehensive agenda on the subject of theology of ordination and its implications for practices in the Seventh-day Adventist Church, including the subject of ordination of women to the gospel ministry.</p>	<p>3. Power to act.</p>
<p>4. Receive (not later than December 31, 2013) and discuss reports from the division Biblical Research Committees concerning their divisionwide studies and conclusions, ensuring that division Biblical Research Committees address the comprehensive study agenda.</p>	<p>4. Power to act in consultation with division Biblical Research Committees.</p>
<p>5. Request studies or solicit papers from committee members and/or non-members when further study is deemed necessary.</p>	<p>5. Power to act.</p>
<p>6. Develop a Seventh-day Adventist theology of ordination to recommend to the 2014 Annual Council for consideration.</p>	<p>6. Power to act.</p>
<p>7. Submit to the 2014 Annual Council, through General Conference administration, the full report of the worldwide study indicating areas of consensus and areas where consensus has not been obtained with respect to the theology of ordination and its implications for practices in the Seventh-day Adventist Church.</p>	<p>7. Power to act.</p>
<p>8. In areas of disagreement, focus on potential solutions that support the message, mission, and unity of the Seventh-day Adventist Church.</p>	<p>8. Recommend to the General Conference Administrative Committee (ADCOM) (GCC-S).</p>

membros da comissão

STELE, ARTUR A., Presidente

Mbwana, Geoffrey G., Vice-Presidente

Porter, Karen J., Secretária

Trim, Wendy, Secretária de Registro

Arrais, Jonas

Arrais, Raquel C.

Batchelor, Doug

Bauer, Stephen

Beardsley-Hardy, Lisa M

Bischoff, Fred

Bohr, Stephen

Brown, Gina S.

Brunt, John

Ceballos, Mario E.

Chang, Shirley

Clark, Chester V. III

Costa, Robert

Damsteegt, Laurel

Damsteegt, P. Gerard

Davidson, Jo Ann M. Dav

Richard M.

de Sousa, Elias B.

Diop, A. Ganoune

Donkor, Kwabena

Doss, Cheryl

Fagal, William A.

Finley, Mark A.

Fortin, Denis

Gothard, Doris M.

Haloviak-Valentine, Kendra

Hasel, Michael

Holmes, C. Raymond

Howard, James

Hucks, Willie

Jankiewicz, Darius

Kent, Anthony R.

King, Gregory A.

Knott, Esther

Knott, William M.

Koh, Linda Mei Lin

Kuntaraf, Kathleen K. H.

Mackintosh, Don

McLennan, Patty

Miller, Nicholas

Mills, Phillip

Moon, Jerry

Morris, Derek J.

Mueller, Ekkehardt F. R.

Nelson, Dwight K.

Nix, James R.

Oberg, Chris

Page, Janet

Page, Jerry N.

Paulson, Kevin

Peters, John

Pfandl, Gerhard

Poirier, Timothy L.

Prewitt, Eugene

Proffitt, Kathryn L.

Rafferty, James

Read, David C.

Reeve, Teresa

Reid, George

Roberts, Randall L.

Rodriguez, Angel M.

Scarone, Daniel

Silva, Sandra

Slikkers, Dolores E.

Small, Heather-Dawn K.

Sorke, Ingo

Timm, Alberto R.

Trim, David

Tutsch, Cindy

Veloso, Mario

Vin Cross, Tara

Wahlen, Clinton L.

Warden, Ivan Leigh

Zarska, Carol

Nomeados dois representantes de cada divisão

Coralie, Alain Mathema, Zacchaeus	<i>Divisão Centro Leste-Africano</i>
Biaggi, Guillermo E. Zaitsev, Eugene	<i>Divisão Euro-Asiática</i>
Henry, Elie Perez, Carmen	<i>Divisão Interamericana</i>
Hasel, Frank Magyarosi, Barna	<i>Divisão Intereuropeia</i>
Bietz, Gordon Pollard, Leslie N.	<i>Divisão Norte-Americana</i>
Doh, Hyunsok John Higashide, Katsumi	<i>Divisão Pacífico Norte-Asiático</i>
Schmied Padilla, Lilian Siqueira, Reinaldo	<i>Divisão Sul-Americana</i>
Musvosvi, Joel Ratsara, Paul S.	<i>Divisão África do Sul-Oceano Índico</i>
Christo, Gordon E. Tlau, Chawngdinpuii	<i>Divisão Sul-Asiática</i>
Gayoba, Francisco Sabuin, Richard	<i>Divisão Pacífico-Sul Asiática</i>
Oliver, Barry D. Roennfeldt, Ray	<i>Divisão do Pacífico Sul</i>
Barna, Jan Wiklander, Bertil A.	<i>Divisão Transeuropeia</i>
Bediako, Daniel K. Nwaomah, Sampson	<i>Divisão Centro-Oeste Africano</i>

EXECUTIVO

Ted N. C. Wilson, Presidente

Ng. G.T., Secretário

Robert E. Lemon, Tesoureiro

COMISSÃO DIRETIVA DA TEOLOGIA DA ORDENAÇÃO E COMISSÃO DE ESTUDO

Artur A. Stele, Presidente

Geoffrey G. Mbwana, Vice-Presidente

Karen J. Porter, Secretária

Gerard P. Damsteegt

Richard Davidson

William A. Fagal

Angel M. Rodriguez

Translation by Edward Vieira com ajuda de Rolnei Tavares.

Foram utilizadas as referências aos livros de Ellen White de acordo com o site do Centro de Pesquisas Ellen G. White (Brasil) - <http://centrowhite.org.br/ellen-g-white/relacao-de-titulos-portugues-ingles-dos-livros-de-ellen-g-white>

DECLARAÇÃO RESUMO

A ordem no reino cósmico de Deus se baseia no amor que define Sua própria natureza e se expressa no serviço a Deus e aos outros. Em Seu amor, Ele dá capacidades e habilidades a Suas criaturas inteligentes e, com base em seu desenvolvimento e seu serviço amoroso, responsabilidades específicas lhes foram designadas. Visto que Deus lhes garantiu a liberdade, eles não foram arbitrariamente restringidos em seu desenvolvimento ao designar lhes um determinado papel para ser exercido por toda a eternidade sem a possibilidade de desempenhar outros papéis. Deus não os restringiu arbitrariamente em sua expressão de serviço amoroso aos outros.

Adão e Eva eram membros do reino cósmico de Deus. Eles foram criados à imagem de Deus, como iguais. Ninguém foi colocado sob a autoridade do outro, com base no gênero ou na ordem da criação. Eva não foi criada para ser, por natureza, sujeita a Adão. Foi somente depois da Queda que, a fim de preservar a ordem no lar, ela ficou sujeita a seu marido. Mas isso se restringiu ao relacionamento marido-mulher.

Em Israel, a liderança estava, principalmente, sob o domínio de homens. Mas essa prática comum não nos deveria cegar para o fato de que Deus estava interessado em usar as mulheres como líderes de Seu povo. A prática comum nunca se tornou lei em Israel ou uma ordem divina direta. Deus queria que Seu povo compreendesse que homens e mulheres deveriam trabalhar juntos, como iguais, no serviço a Ele e a Seu povo. Ele proveu a Seu povo profetas e profetisas (os líderes espirituais mais elevados e mais “importantes” em Israel) e as juízas, que também eram profetisas, detiveram o papel mais importante de liderança em Israel, durante o período dos juízes. Da perspectiva divina, a liderança entre Seu povo não se baseia nas diferenciações de gênero.

No NT, a norma comum da liderança dos homens é continuada, mas a liderança das mulheres se torna muito visível. As mulheres poderiam agora ocupar posições de liderança iguais às dos homens. Elas também receberam o dom do Espírito que as equipava, bem como aos homens, para estabelecer a igreja. Visto que os dons são inclusivos de gênero, as mulheres com os dons necessários para atuarem como diaconisas foram nomeadas e ordenadas como tal. Imediatamente, isso revela que embora as qualificações para os ofícios de diácono e ancião são específicos de gêneros, eles não são exclusivos de gênero. Ambos, homens e mulheres membros da igreja, podem atuar como anciãos e diáconos, desde que tenham os devidos dons e a igreja reconheça o chamado divino. O fato de o NT não mencionar explicitamente as mulheres como anciãs não significa que elas não atuaram como tal. As qualificações

dos anciãos e diáconos são muito similares e sabemos que havia diaconisas no NT. Há apoio bíblico suficiente para que a igreja proceda com a ordenação das mulheres ao ministério.

Ellen G. White, como a Bíblia, não proíbe nem afirma explicitamente a ordenação de mulheres ao ministério. Porém, ela abriu a porta para que as mulheres qualificadas ocupassem qualquer posição de liderança na igreja. Ela incentivou as jovens a estudarem e a desenvolverem seus dons concedidos por Deus a fim de estarem prontas para servirem à igreja em qualquer posição. A evidência bíblica é clara: não há nada espiritual, ética ou moralmente errado com ordenar as mulheres ao ministério evangélico.

INTRODUÇÃO

Cientes de nosso alto chamado como adventistas do sétimo dia, ansiosamente, aguardamos a breve vinda de nosso Senhor Jesus. Veementemente, cremos que “Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas”.¹ Esse chamado pede o pleno compromisso para com a Escritura, em sua totalidade, e para com sua autoridade inquestionável como a única fonte da fé e prática. Essas convicções são-nos indispensáveis ao examinarmos a história da salvação, conforme nos foi revelada na Escritura, em nossa busca da vontade de Deus sobre a questão da ordenação das mulheres ao ministério evangélico.

Ao tratarmos desse tema, a devida compreensão do caráter de Deus, do grande conflito entre o bem e o mal e do plano da salvação proverão a estrutura para a interpretação. Por conseguinte, em nosso exame da evidência bíblica para a ordenação das mulheres, necessitamos fazer perguntas pertinentes a respeito de Deus: *Como Deus vê as mulheres e como Ele comunica isso a nós? Que retrato de Deus resultará em uma interpretação favorável à ordenação das mulheres? Que retrato de Deus será pintado pela negação da possibilidade da ordenação das mulheres?* Iniciamos nosso estudo com sinceridade de coração, com oração e disposição de ouvir o que o Espírito tem a dizer à igreja.

¹ Ellen G White, Great Controversy, 596

HERMENÊUTICA BÍBLICA

A necessidade de iniciar nosso estudo com uma breve discussão da hermenêutica decorre do fato de que a Bíblia não ordena ou proíbe explicitamente a ordenação de mulheres ao ministério. Os adventistas, que amam o Senhor e que levam as Escrituras a sério como a inspirada Palavra de Deus, chegaram a diferentes conclusões, usando a mesma Bíblia sobre o mesmo tema. Assim sendo, essas diferenças requerem reflexão sobre como interpretamos a Palavra de Deus (hermenêutica).

Em 1986, no Concílio Anual da Associação Geral, no Rio de Janeiro, Brasil, a liderança adventista do sétimo dia adotou um documento referente aos métodos da hermenêutica bíblica:

“Métodos de Estudo da Bíblia: Pressuposições, Princípios e Métodos”² (MBSC). A hermenêutica não apenas trata da compreensão da Bíblia, mas também do processo de pensamento a esse respeito e da avaliação da interpretação bíblica. Os adventistas do sétimo dia concordam que deveríamos seguir sólidos princípios hermenêuticos. A exegese aplica esses princípios a determinados textos, e a exposição desses textos transmite a mensagem de Deus no texto, por meio da pregação ou do ensino.

USO DO DEVIDO MÉTODO

Reunir diferentes textos e compreender sua importância teológica requer grande conhecimento do ensino bíblico como um todo. A tarefa deve ser feita sob a guia do Espírito Santo, caso desejemos compreender a verdade, conforme pretendida pelo Espírito. De acordo com o documento do Rio, aceitamos o método gramatical histórico de interpretação da Bíblia como a devida ferramenta para sua compreensão. Firmemente, aceitamos a Bíblia como a Palavra de Deus e rejeitamos metodologias que minem sua origem e mensagem sobrenaturais; buscamos seguir o que ela ensina e lhe obedecer. Desejamos estudá-la com humildade de coração e espírito receptivo, reconhecendo nossas limitações humanas na compreensão de tudo o que ela tem a nos dizer.

ESTUDO DA LINGUAGEM, GRAMÁTICA E CONTEXTO

Conforme afirma o documento do Rio, também desejamos seguir fielmente os métodos de estudo da Bíblia que cheguem ao verdadeiro significado do texto bíblico. Isso requer o estudo dos contextos:

² “Methods of Bible Study: Presuppositions, Principles, and Methods” was published in the *Adventist Review*, January 22, 1987, and is available online at <https://adventistbiblicalresearch.org/materials/bible-interpretation-hermeneutics/methods-bible-study>. We will use its publication in George E. Reid, ed., *Understanding Scripture: An Adventist Approach* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2005), 329-337.

“Em conexão com o estudo do texto bíblico, exploramos os fatores históricos e culturais. A arqueologia, antropologia e a história podem contribuir para a compreensão do significado do texto”.³ Por conseguinte, devemos considerar, da melhor forma que pudermos, as línguas originais dos livros da Bíblia, com a ajuda da gramática e da sintaxe, o contexto das passagens, o gênero literário dos livros e a orientação de Ellen G. White, quando disponível. O contexto da passagem é seu contexto imediato no livro e na Bíblia toda. Em alguns casos, o significado de uma passagem é claro ao leitor, mas em muitos outros, sua compreensão requer análise cuidadosa e oração. Isso requer o estudo da terminologia, de construções gramaticais, estrutura literária, seu ambiente contextual, etc.

FOCO TEOLÓGICO

O documento do Rio alude a tal abordagem teológica da hermenêutica quando diz:

As Escrituras foram escritas para fins práticos da revelação da vontade de Deus à família humana. Porém, a fim de que certos tipos de declarações não sejam interpretadas erroneamente, é importante reconhecer que foram dirigidas a pessoas das culturas orientais e expressos em seus padrões de pensamento. [...] As Escrituras registram experiências e declarações de pessoas a quem Deus aceitou, mas que não estavam em harmonia com os princípios espirituais da Bíblia como um todo – por exemplo, incidentes relacionados ao uso de álcool, poligamia, divórcio e escravidão. Embora a condenação desses costumes sociais profundamente enraizados não seja explícita, Deus não necessariamente endossa ou aprova tudo o que Ele permitiu e suportou na vida dos patriarcas e [reis] em Israel. [...] O espírito das Escrituras é o de restauração. Deus trabalha pacientemente para elevar a humanidade caída das profundezas do pecado para o ideal divino.⁴

Em outras palavras, uma abordagem teológica aos princípios bíblicos, espirituais e teológicos que enalteçam o desdobramento da revelação de Deus é parte da hermenêutica bíblica adventista fiel. É a narrativa da história da salvação: do ideal da criação de Deus, passando pela queda da humanidade, à restauração através de Cristo ao ideal original de Deus na nova terra. Os adventistas empregam uma abordagem distintiva em seu método teológico de Criação-Queda-Recriação. A Criação é um princípio fundamental e abrangente do ensino

³ Ibid, 333

⁴ Ibid, 335-6.

adventista e serve como fundamento para as formulações teológicas de nossos ensinos. Esse é o caso para nossa compreensão do conflito cósmico e para ensinos como abstinência de bebidas alcoólicas, vegetarianismo e rejeição da poligamia e da escravidão. Essa hermenêutica adventista se reflete também em nosso nome: somos adventistas (recriação) do sétimo dia (criação). A história completa da redenção está incluída. Com essa abordagem distintiva, com base na criação e recriação, somos capazes de ver a perspectiva geral da revelação de Deus, a unidade das Escrituras e o propósito final do material bíblico como um todo (uma abordagem canônica) a fim de corretamente discernir o significado da mensagem de Deus. Nessa tarefa, buscamos descobrir, guiados pelo Espírito, o caráter amoroso de nosso Deus, conforme manifestado em Seu Filho e no registro de Sua revelação nas Escrituras.

USO DOS PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS BÍBLICOS

Assim, princípios hermenêuticos sólidos proveem compreensão equilibrada e bíblicamente informada do texto bíblico. Se tentarmos explicar a verdade bíblica apenas e simplesmente por citar textos bíblicos ao invés de encontrar e aplicar os princípios bíblicos providos pelo contexto maior da Bíblia em si, os adventistas não seriam capazes de apoiar nossas posições contra o fumo ou uso de drogas ou na promoção do vegetarianismo.

Uma hermenêutica que leva a sério os princípios bíblicos e que retraça suas raízes à criação é consistente também com nossa posição adventista contra o estilo de vida homossexual, porque o relato bíblico da criação provê o raciocínio para a total oposição a esse estilo de vida. O ensino bíblico contra a homossexualidade está enraizado na legislação da criação, que é universal, não temporal, que nunca muda e que é válida em todos os tempos (ver Gn 1:26-28; 2:22-24; Lv 18:22; 20:13; Rm 1:26-27). Ele também é consistente com a trajetória bíblica construída sobre o padrão da criação, queda e recriação.

TEXTO, TEOLOGIA E ORDENAÇÃO

Conforme sugerido acima, embora não haja uma declaração bíblica explícita e direta comandando a ordenação de mulheres ao ministério, tampouco há qualquer impedimento bíblico para tal. Pelo contrário, uma análise cuidadosa e bíblico-teológica aponta na direção da plena inclusão e afirmação das mulheres em todas as posições ministeriais. Essa abordagem é usada por todas as partes envolvidas na discussão da ordenação das mulheres ao ministério. Na

falta de uma ordem explícita, temos de buscar os ensinamentos bíblicos sobre o relacionamento entre homem e mulher. É apenas ao ouvir atentamente o que a Bíblia ensina, bem como sua ênfase teológica, que podemos chegar a uma sólida conclusão.

ORDEM NO REINO CÓSMICO DE DEUS

A ênfase bíblica na ordenação para o ministério diz respeito principalmente da questão de ordem na igreja e, como tal, deve refletir os princípios de ordem que regem o reino cósmico de Deus. O mistério da unidade da Divindade é para nós um mistério impenetrável. Sabemos que Deus é amor e que os relacionamentos na Trindade são uma constante expressão e transbordamento desse amor. O que vai além disso não se sabe, restanos apenas nos curvar humildemente diante dEle em silêncio. Esse tipo de ordem caracteriza a criação de Deus e é indispensável para que funcione devidamente. Em Seu reino cósmico, a ordem é simplesmente o reflexo do amor de Deus por parte da criação.

Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita harmonia, com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação de Seu caráter. [...] e a todos concede vontade livre, para que Lhe possam prestar serviço voluntário.⁵

De acordo com essa citação, o amor é o fundamento do governo divino. O caráter de Deus em si é a lei que rege o universo. Segundo, o bem-estar das criaturas inteligentes depende de sua submissão a Deus. O próprio Deus é o centro da ordem. Terceiro, as criaturas inteligentes expressam seu amor no serviço a Deus. Nada é arbitrariamente imposto sobre elas, pelo contrário, tendo sido criados livres, o Criador apenas espera delas um serviço voluntário.⁶

Mediante a lei do serviço, Deus mantém o universo unido. É essa lei de serviço por amor que prevalece entre os anjos. Ellen White sugere que as posições de liderança entre os anjos foram -lhes designadas com base no serviço.⁷

Sabemos que os anjos receberam novas responsabilidades, o que significa que não foram criados para cumprirem uma determinada responsabilidade sem a possibilidade de novas oportunidades para o

⁵ White, Patriarchs and Prophets, 34.

⁶ See White, Education, 103

⁷ Special Testimonies On Education, 57

serviço.⁸ Visto que as posições foram atribuídas por Deus, com base no serviço, a submissão dos anjos aos novos líderes angélicos era voluntária no sentido de que eles podiam compreender porque o Criador lhes atribuiu novos papéis de serviço. A submissão aos líderes angélicos era, na verdade, submissão a Deus. Com o passar do tempo, as funções poderiam mudar como resultado da concessão de novas honras a outros anjos. Ninguém estava restrito a um determinado papel no Reino de Deus. Havia uma ordem harmoniosa na qual cada criatura inteligente podia livremente desenvolver o potencial que lhes fora dado por Deus sem qualquer restrição predeterminada e arbitrária (como, por exemplo, a de quem foi criado primeiro; e, certamente, não na base do gênero).

DEUS, MULHERES E HOMENS NO ANTIGO TESTAMENTO

Usando nossa abordagem hermenêutica iremos agora passar para o estudo do papel das mulheres na Bíblia, iniciando no AT. Isso é indispensável, devido ao fato de que não temos uma ordem explícita bíblica para ordenar ou não as mulheres ao ministério.

ADÃO E EVA ANTES DA QUEDA

Voltamos às origens porque aí encontramos, pela primeira vez, a compreensão divina do relacionamento entre homem e mulher e o que Deus esperava deles. A leitura do texto claramente indica que eles foram criados iguais e que nenhum deveria impor autoridade sobre o outro.

CRIADOS À IMAGEM DE DEUS. “Criou Deus o homem [*ha’adam*, ‘gênero humano’] à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gn 1:27).⁹ Ambos, homem e mulher, foram feitos à imagem divina, ambos são abençoados, ambos partilham da responsabilidade da procriação, ambos devem subjugar a terra, ambos devem dominar sobre o reino animal (Gn 1:26-28). Sua natureza é a mesma e, sujeitos a Deus, devem desempenhar as mesmas funções. Embora os termos “macho” e “fêmea” impliquem diferença sexual (biológica) e outros tipos de diferenças, ambos, homem e mulher, sem qualquer distinção, receberam a mesma ordem de dominar, não um sobre o outro, mas

⁸ For instance, Gabriel was not a covering cherub, but was assigned that position after the fall of Lucifer. Ellen White describes Gabriel as “the angel who stands next in honor to the Son of God” (Desire of Ages, 99; see also 234). This was Lucifer’s position before his rebellion (cf. EGW SDA Bible Commentary 4, 1162; Conf 9 [sic]; Great Controversy, 495; EGW SDA Bible Commentary 4, 1143).

⁹ Unless otherwise noted, Bible quotations are from the New American Standard Bible.

ambos sobre o restante da criação de Deus. Esses versos explicitam e fortemente indicam a ausência de qualquer hierarquia de homens sobre as mulheres.

A PRECEDÊNCIA DE ADÃO. O fato de o homem haver sido criado primeiro, antes da mulher, pode sugerir para alguns que Adão devia ter autoridade sobre Eva, mas contextualmente esse não é o caso (ex.: os animais foram criados antes de Adão). Pelo contrário, o relato completo de Gênesis 2 é escrito para mostrar que a criação da mulher, no final da narrativa, corresponde em importância à criação do homem no início. A mulher é criada como o clímax da história da criação. O movimento no texto é do incompleto para o completo. A precedência de Adão significa que a criação dos seres humanos ainda não estava concluída. Podemos claramente afirmar que o Adão de Gênesis 2 é o macho da unidade “Adão” de Gênesis 1, que foi criada à imagem de Deus como macho e fêmea. O ‘ādam de Gênesis 2 é o hā’ādam de Gênesis 1 no processo de ser criado. Isso é contextualmente o que o escritor bíblico tinha a intenção de nos transmitir.

ADÃO E A LEI. A leitura de Gênesis 2:16-17 dá a impressão de que Adão recebeu uma ordem específica de Deus e que se esperava que ele informasse Eva a respeito, ex.: ele era seu professor. Primeiro, com respeito a quem era o professor no Jardim do Éden, podemos apenas saber que Deus e os anjos eram seus instrutores.¹⁰ Segundo, é lógico presumir que assim que Adão foi Criado Deus necessitou adverti-lo contra a transgressão.¹¹ Terceiro, sabemos que Deus também falou para Eva que não deveria comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.¹² Deus também instruiu a ambos quanto a como trabalhar e cuidar do jardim.¹³ Deus deu instruções específicas a ambos e fez com que Lhe prestassem contas. Ele os tratou como iguais.

CRIADA DA COSTELA DE ADÃO E PARA ELE. A derivação de Eva de Adão aponta para a igualdade. Usando material natural da costela, Deus escolheu esteticamente criar uma mulher enquanto Adão dormia. Eva foi criada do lado de Adão (não de sua cabeça ou pés), para mostrar que devia “estar a seu lado como igual”¹⁴ (Gn 2:21-22). Gênesis 2 fala diretamente sobre a questão dos papéis relativos ou relacionamento funcional entre o primeiro homem e mulher: Eva devia ser a ajudadora de Adão (*‘ezer kenegdo*, Gn 2:18). O termo *‘ezer*, muitas vezes traduzido como “ajudadora”, no original não denota uma ajudadora ou assistente subordinada, como o termo português “ajudador” muitas vezes

¹⁰ White, *Education*, 20; *Patriarchs and Prophets*, 50.

¹¹ Cf. *Youths Instructor*, February 27, 1902, par. 1.

¹² White, *Signs of the Times*, October 8, 1894, pars. 2, 3.

¹³ *Ibid.*, par. 1.

¹⁴ White, *Patriarchs and Prophets*, 47.

indica. Usado, em grande parte para Deus (como em Êx 18:4; Dt 33:7, 26; Sl 33:20; 70:4; 115:9-11), esse termo relacional na Escritura simplesmente denota um relacionamento benéfico. O termo *kenegdo* literalmente significa “como sua contraparte”, e assim a frase toda ‘ezer *kenegdo* em Gênesis 2 significa nada menos que uma benfeitora que é sua contraparte – uma “parceira” igual (Gn 2:18, 22), tanto em natureza quanto em função. Ellen White escreveu: “Ao criar Eva, Deus pretendia que ela não fosse nem inferior nem superior ao homem, *mas em todas as coisas lhe fosse igual*. O santo par não devia ter nenhum interesse independente um do outro; e não obstante cada um possuía individualidade de pensamento e de ação”.¹⁵

A criação de Adão e Eva foi um ato único no qual a separação e reunificação desempenharam um importante papel. Adão foi criado primeiro e assim seu primeiro relacionamento social foi com o Criador e não com Eva. Esperando dar a Eva o mesmo privilégio, Deus fez com que Adão dormisse. O primeiro relacionamento de Eva não foi com Adão, mas com Deus e então Ele a trouxe para Adão a fim de iniciarem um relacionamento maravilhoso em união um com o outro e com o Criador. A separação é, em ambos os casos, seguida por reunificação. Eva é criada *da* costela de Adão e trazida de volta *para* ele. Isso é diferente da forma pela qual Deus criou outros fenômenos. Nesses casos não houve reunificação porque algo radicalmente diferente foi criado (Gn 1:4, 7, 9; 2:7). A terminologia “de” e “para” é usada (1Co 11:8, 9) para indicar a igualdade de Adão e Eva bem como a diferença de gênero. Ela devia ser uma bênção a ele como sua igual.

DAR NOME À MULHER. Quando Adão recebe a mulher do Criador ele exclama: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher [*’iššah*], porque do homem [*’iš*] foi tirada” (2:23). Deveríamos dar especial atenção à linguagem usada aqui. Adão não está celebrando que Eva está agora sob sua autoridade, mas que agora tem uma companheira correspondente à sua própria natureza (“osso dos meus ossos”). Na verdade, o ato de dar nome, no AT, normalmente significa a capacidade de discernimento, ex.: ele discerne sua verdadeira identidade (cf. Gn 16:13). Além do mais, em Gênesis 2:23 são usados dois “passivos divinos”. O primeiro, ela “foi tirada”, indicando que foi Deus

¹⁵ White, Testimonies 3, 484, emphasis added. Cf. Patriarchs and Prophets, 58: “In the creation God had made her the equal of Adam.” That Ellen White implies functional (role) equality without hierarchy as well as ontological equality is clear from the next sentence, in which subjection/submission of wife to husband is introduced only after the Fall: “Had they remained obedient to God—in harmony with His great law of love—they would ever have been in harmony with each other; but sin had brought discord, and now their union could be maintained and harmony preserved only by submission on the part of the one or the other.” Such contrast makes clear that such role hierarchy involving headship/submission was not present before the Fall.

que realizou a ação. O segundo, “será chamada”, indica que depois de ter sido criada foi Deus quem a chamou de “Mulher” (“Ela é chamada [pelo Senhor] de Mulher”).

CASAMENTO. A igualdade de Adão e Eva é expressa na fórmula do casamento: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne [*basar ekhad*]” (2:24). O relacionamento de Adão e Eva é enaltecido como o padrão para todos os relacionamentos conjugais humanos futuros. Esperava-se, em uma sociedade patriarcal, que a mulher “se apegasse/unisse” a seu marido e, por esta razão, a força dessa declaração é que ambos, homem e mulher, devem “apegar-se” um ao outro. O “apegar-se” recíproco indica a ausência de submissão de um sob a autoridade do outro. De igual forma, no contexto do pacto do casamento, o marido e a esposa se tornam “uma carne” (*basar ekhad*). Essa expressão indica a unidade e a intimidade no relacionamento total do marido, na totalidade de sua pessoa, para com a esposa, e vice-versa; uma harmonia e união um com o outro em todas as coisas.

Resumindo, Gênesis 2, assim como Gênesis 1, não provê qualquer evidência que poderia ser usada para apoiar a sujeição da mulher ao marido antes da Queda. Antes, eles foram apresentados como plenamente iguais, sem qualquer alusão de uma natureza diferente ou uma hierarquia funcional.

HOMENS E MULHERES DEPOIS DA QUEDA

ADÃO E EVA. A submissão da esposa ao marido ocorreu depois da Queda de Adão e Eva. “Ele [seu marido] te dominará [*mashal*]” (Gn 3:16). O verbo hebraico traduzido como “dominará” (*mashal*) não é o mesmo usado para “governo/ter o domínio” do casal humano (*radah*) sobre os animais (Gn 1:28), mas aponta para um papel de liderança que implica conforto, proteção, cuidado e amor. É crucial reconhecer que a liderança amorosa de Adão e a submissão de Eva vêm *depois da Queda*, introduzida por Deus como uma medida paliativa para preservar a unidade e a harmonia no casamento. Esse relacionamento não foi estabelecido na criação, mas ocorre como resultado do pecado: “mas o pecado trouxera a discórdia, e agora poderia manter-se a sua união e conservar-se a harmonia unicamente pela *submissão por parte de um ou de outro*”.¹⁶ Finalmente, o papel de liderança amorosa (*mashal*) em Gênesis 3:16 se restringe ao *relacionamento de marido-mulher*, e, portanto, não envolve uma subordinação geral das mulheres aos homens ou à liderança universal dos homens sobre as mulheres. Resumindo, não há impedimentos em Gênesis 3 que impossibilite a mulher de plena e igual participação com o homem em qualquer ministério ao qual Deus a possa chamar e para o qual Ele a capacite.

¹⁶ White, *Patriarchs and Prophets*, 58 (emphasis added).

MULHERES NOS PAPÉIS DE LIDERANÇA EM ISRAEL. Visto que o texto bíblico deixa aberta a possibilidade das mulheres exercerem cargos de liderança, há numerosos exemplos de mulheres que exerceram o dom da liderança e do ministério no AT. Dentre outras, temos Miriam, uma notável profetisa, líder de Israel, juntamente com seus irmãos (Mq 6:4), e Hulda (2 Reis 22:14-20; 2Cr 34:22-28). Porém, é Débora que merece especial consideração. No livro de Juízes ela é descrita como uma líder militar com a mesma autoridade dos generais, e uma juíza a quem os homens israelitas buscavam para obter conselho e para resolver casos jurídicos. Seria um erro considerar Débora apenas como uma profetisa que, temporariamente, recebeu poderes judiciais. O que, muitas vezes, é desconsiderado é o fato de que são poucos os profetas no Antigo Testamento que são chamados juízes e profetas. Esses dois papéis foram atribuídos a Moisés (Êx 18:16) e a Samuel (1Sm 7:6, 15-17). Isso sugere que ela foi a líder máxima de Israel naquele período, como profetisa e juíza. Não há dúvida de que os juízes eram líderes antes da monarquia em Israel (Jz 2:11-19) e que também tinham funções judiciais. No momento de crise, ela foi o instrumento de Deus para livrar Seu povo.¹⁷ Esse era o trabalho dos juízes durante o período dos juízes (2:16). Guiada pelo Senhor, ela tinha autoridade sobre os homens como profetisa e juíza. Seu papel de liderança é tão impressionante que quando Baraque hesita e deseja que ela o acompanhe na batalha, ela salienta que isso seria contra o papel tradicional da mulher e que culturalmente lhe seria prejudicial; ele passaria envergonha. Mas ele não se importa, porque deseja que a melhor líder de Israel o acompanhe. Ao escolher Débora como líder em Israel, com autoridade sobre Seu povo, Deus demonstrou que não havia nada moral ou espiritualmente errado com o ter uma mulher nas principais funções de liderança entre o povo de Deus.

Concluindo, o Deus do AT não discrimina, arbitrariamente, os seres humanos com base no gênero. Sempre que desejou usar uma mulher como líder em Israel Ele o fez. Isso mostra que o padrão comum ou a prática da liderança masculina – seguida em todas as partes no antigo Oriente Próximo e não apenas em Israel – não era única para Deus. Se formos falar a respeito dos ideais divinos, isso ficaria claro. O ideal não era que os homens ocupassem as posições de liderança mais significativas, mas que tanto homens quanto mulheres, como iguais, liderassem o povo de Deus. Esse ideal remonta ao que Deus instituiu no Jardim do Éden.

¹⁷ Ellen White writes: “There was dwelling in Israel, a woman illustrious for her piety, and through her the Lord chose to deliver his people” (Signs of the Times, June 16, 1881 par. 4).

DEUS, MUHERES E HOMENS NO NOVO TESTAMENTO

Nosso estudo do NT mostrará que o que encontramos no AT é igualmente válido para o NT. A Bíblia revela um Deus que consistentemente ama, cuida e usa os seres humanos, homens e mulheres, em qualquer posição de responsabilidade entre Seu povo. O padrão de liderança comum do homem encontrado no NT, também presente no AT, não representa exclusivamente a vontade de Deus para Seu povo. Examinaremos o relacionamento de marido e mulher e algumas das passagens mais importantes sobre o tópico no NT, a natureza do ministério, os dons do Espírito e as qualificações para a liderança da igreja.

MARIDOS E MULHERES: LIDERANÇA (CABEÇA)

O Novo Testamento dá instruções importantes com respeito ao relacionamento entre maridos e mulheres. Nas epístolas, encontramos sete usos da palavra grega “submeter-se” (*hypotassō*; 1Co 14:34; Ef 5:21, 24; Cl 3:18; Tt 2:5; 1Pe 3:1, 5), no contexto do relacionamento de homem/mulher (*anēr/gynē*). Há certa ambiguidade na linguagem grega com respeito a *anēr/gynē* porque as mesmas palavras podem significar “homem/mulher” ou “marido/mulher”. Porém, uma consideração mais atenta de cada uma dessas passagens revela que o contexto é consistentemente o do relacionamento de marido e mulher e não o de homens e mulheres de forma geral.

EFÉSIOS 5:21–33. Esta é a passagem fundamental do NT que lida com os relacionamentos de marido-mulher, e a única sobre essa questão que contém ambas as palavras cabeça (*kephalē*) e submeter (*hypotassō*). Ela não diz respeito à obediência incondicional da esposa ao marido e muito menos submissão coerciva. A referência ao marido sendo o “cabeça” da esposa (v. 23) deve ser compreendida em relação à natureza da liderança de Cristo, descrita no mesmo verso. Nos dias de Paulo, a palavra grega para cabeça (*kephalē*) podia ser usada de várias formas simbólicas. Aqui não é usada como a autoridade de Cristo sobre a igreja, mas de Cristo como a fonte da vida e de nutrição para o restante do corpo (cf. Ef 4:15, 16; Cl 2:19). Os maridos devem emular o amor de Cristo como o “Salvador” da igreja. O marido deve amá-la, nutri-la e estimá-la, assim como Cristo “entregou-Se” pela igreja (v. 25, 28). No casamento, o amor é a forma de completa submissão.

Como em Gênesis, Efésios 5 também deixa claro que o conselho de Paulo para os maridos e esposas não pode se estender ao relacionamento de homens e mulheres de forma geral. Embora alguns possam argumentar que a igreja é uma família e, portanto, a liderança masculina na família deveria ser

seguida na igreja, o próprio apóstolo mostra como o relacionamento do casamento se aplica à igreja. A *autoridade do marido* no lar não é igual à *autoridade masculina* na igreja. Antes, o único Marido/Cabeça da igreja é Cristo, e todos na igreja – incluindo os homens – são Sua “noiva”, igualmente submissos a Ele (Ef 5:21-23).

1 CORÍNTIOS 11:2-16. Além de Efésios 5:23, a única outra passagem do NT que utiliza *kephalē* “cabeça” no contexto do relacionamento de homem/mulher é 1 Coríntios 11:3. Essa passagem está temática e terminologicamente relacionada a Efésios 5:21-33, e foca nas esposas se submetendo à autoridade do marido, não à autoridade de homens sobre as mulheres, de forma geral. Embora muitos argumentos contra a ordenação das mulheres tenham sido formulados sobre o conselho de Paulo em 1 Coríntios 11, uma simples leitura dessa passagem revela que Paulo não está falando aqui a respeito da liderança e autoridade da igreja, nem tampouco da ordenação. Antes, o objetivo dessa passagem é instruir os Coríntios com respeito ao uso ou não da cobertura da cabeça ao liderar nas reuniões da igreja, e apresentar a razão para essa instrução.

Assunto principal da passagem. Na verdade, o conselho de Paulo nessa passagem está em harmonia com outras passagens de suas cartas, onde vemos as mulheres exercendo liderança no ministério evangélico. Em 1 Coríntios 11:4, 5, Paulo identifica o tópico principal da passagem, e tanto homens quanto mulheres são retratados como participando e liderando o culto pela oração e ao profetizar (ou seja, aconselhando e instruindo os crentes reunidos em nome de Deus; cf. 1Co 14:1-15, 29-33). Essa liderança é aqui descrita exatamente nos mesmos termos para homem e mulher, sem sugestões de desaprovação ou de diferenciação entre os dois, quer no tipo ou no nível de liderança no qual estão engajados.

Prática cultural. Por muitas gerações, os adventistas não entenderam essa instrução como querendo significar que as mulheres deveriam cobrir a cabeça durante o culto enquanto os homens não deveriam fazê-lo. Isso foi considerado uma instrução cultural específica, em um determinado contexto. Esse reconhecimento por parte da igreja não é o resultado do abandono do conselho da Escritura, antes foi feito pelo motivo oposto – estar plenamente atento e obediente às preocupações culturais fundamentais reveladas na passagem.

Explicitamente, Paulo afirma nos versos 4-6 que sua preocupação com relação à cobertura da cabeça é a questão de trazer desonra em vez de honra sobre a cabeça. Certamente, a preocupação com a honra é mais desenvolvida nos versos 7-9, onde Paulo fala da mulher como a glória do homem. É a

essa percepções que ele volta nos versos finais, apelando ao que geralmente era considerado “próprio” a uma mulher, “natural” ao homem e, geralmente, praticado pelas igrejas (v. 13-16). As instruções de Paulo de que é “vergonhoso” para a mulher ter a cabeça raspada (v. 6) deve ser entendida de acordo com o elevado valor dado à honra na sociedade greco-romana. Nessa sociedade, a mulher com a cabeça descoberta ou raspada corria o risco de ser considerada adúltera ou prostituta, e a mulher que falava em público, em um ambiente casual a homens que não fossem seu marido, era considerado como buscando seduzi-los.

Uso do termo “Cabeça” (*kephalē*). Paulo inicia seu argumento referente a cobrir a cabeça, no verso 3, usando uma descrição verbal, uma metáfora, para falar a respeito da honra/vergonha nessa cultura, do que é “próprio” e “vergonhoso” que homens e mulheres façam no ambiente público da igreja. Ele usa a metáfora da “cabeça” para demonstrar que aquilo que um crente individualmente faz com sua cabeça física exerce também impacto em sua cabeça metafórica. Assim sendo, a escolha de um homem quanto a cobrir a cabeça não é simplesmente a respeito de sua liberdade de escolha, mas impacta a honra com a qual os outros verão a Cristo, seu cabeça. De igual forma, a livre escolha da mulher com respeito a cobrir a cabeça ou não afeta não apenas a si mesma, mas também a seu marido/“cabeça” e, por fim, a Deus, o “cabeça” absoluto.

A palavra cabeça (*kephalē*) era usada pelos judeus e gentios para transmitir uma variedade de ideias relacionadas ao lugar da cabeça física em relação ao corpo, incluindo a proeminência, *representação* do todo, ser o *primeiro* ou *fonte*. Nessa passagem, Paulo está focando a ideia metafórica de Adão como sendo o *primeiro* a ser criado e, certamente, a fonte da qual a mulher foi criada (v. 8, 9). Esse uso faz total sentido com o verso 3 e, certamente, o melhor sentido cronológico. Então, ele está dizendo que Cristo foi o *primeiro* ou a *fonte*, com relação ao homem (abrangendo toda a humanidade, como em Rm 4:8; Ef 4:13); que o homem, Adão, foi o *primeiro* ou a *fonte*, em relação à sua esposa Eva; e que Deus foi o primeiro ou a fonte, com relação a Cristo (*o Messias*) ao enviá-Lo para redimir a humanidade.

Conexão com Gênesis. Nos versos 7-9, Paulo elabora sobre a metáfora da “cabeça” ao acrescentar vários motivos de Gênesis 1-3 pelos quais as mulheres devem preocupar-se para não desonrar o marido. Embora, assim como o homem, a mulher tenha sido criada à imagem de Deus, Paulo foca aqui no fato de que ela teve o privilégio adicional de ter sido criada para satisfazer a necessidade do homem e para ser sua glória. Paulo cita Gênesis 2 e provê uma excelente leitura desse texto. Ele nota que em Gênesis a mulher foi criada do homem – essa é sua origem imediata – e não o homem da mulher. Esses são os

fatos. De acordo com Paulo, a mulher veio para enriquecer o homem e, nesse sentido, ela acrescentou honra/glória a ele. Ela foi criada para o benefício do homem, não o homem para seu benefício, porque ele foi criado antes que ela fosse criada. Para Paulo e o livro de Gênesis esse é o exato fundamento para a diferenciação de gênero. Esse argumento é usado por Paulo para indicar que quando uma mulher participa no culto, ela deve cobrir seu cabelo a fim de dar glória a Deus, não ao homem. Ao fazer isso ela também evita a glorificação pessoal, porque seu cabelo é sua glória (v. 15).

Na cultura do primeiro século a compreensão tradicional era de que a “glória” da mulher, e especialmente seu cabelo, deveriam ser cobertos em público a fim de evitar trazer vergonha pela falta de modéstia, mostrando-o a pessoas de fora de sua família. Nessas circunstâncias, isso era especialmente importante no culto, para evitar distração de dar a glória e culto somente a Deus. Note que, ao seguir o resumo de sua instrução no verso 10, Paulo equilibra sua argumentação nos versos 11-12 ao deixar claro que, desde a criação, foi a mulher quem Deus colocou em primeiro lugar como fonte, pois foi ela quem deu à luz cada homem desde Adão.

Resumindo, 1 Coríntios 11:2-16 deixa claro a diferença entre homem e mulher na forma do vestuário, em harmonia com Deuteronômio 22:5, e pede às esposas para agirem de forma a não desonrar seu marido. Essa passagem não diz respeito à proibição das mulheres servirem em funções de liderança, nem tampouco à autoridade universal dos homens sobre as mulheres. Paulo não relê em Gênesis 1-3 um princípio que nunca foi notado ou expressado. Ele usa a passagem para demonstrar que, desde o início, a esposa enriqueceu a vida do marido e lhe trouxe honra e que isso deve continuar durante o culto e no contexto do mundo caído. Paulo está usando a referência à criação como uma explanação de seu argumento, não como a razão para um padrão universal de relacionamento entre homens e mulheres. Não há nada no contexto que apoie a ideia de que na igreja o ancião é o cabeça da mulher.

1 TIMÓTEO 2:9-14. Esta é uma das passagens mais disputadas no debate da ordenação das mulheres. Visto que essa passagem específica lida com questões relacionadas às mulheres, daremos especial atenção ao que seu contexto imediato (a epístola de Timóteo) diz a respeito delas.

Contexto. A leitura atenta de 1 Timóteo demonstra que a carta de Paulo foi escrita em resposta a falsos ensinamentos que ameaçavam destruir a obra de Deus em Éfeso. Desde o início de sua carta Paulo instrui Timóteo a se opor aos falsos mestres, cujas doutrinas mal orientadas estavam minando a verdadeira obra do evangelho (1:3). Em vez de proclamar o poder do Cristo Ressurreto, que transforma

vidas humanas (cf. 1:5, 12-16), esses indivíduos estavam proclamando um evangelho exclusivo, que consistia em nada mais do que ideias sensacionalistas (cf. 1:3-4; Tito 1:14; 3:9). Na segunda parte da carta, Paulo descreve ainda mais a natureza dos falsos ensinamentos (4:1-5; 6:3-10) e os contrasta com o tipo de comportamento que deve caracterizar a vida vivida em harmonia com a verdade do evangelho. A carta então encerra com um apelo para permanecer firme contra a falsa doutrina (6:20-21).

Os falsos ensinamentos também estavam tendo grande impacto entre um certo número de mulheres crentes. A extensão da influência negativa desses falsos ensinamentos sobre elas é indicado pela atenção proeminente que Paulo dá às mulheres em sua discussão contra os falsos ensinamentos. Ele está preocupado com a conduta das mulheres no culto (2:10-15), com as viúvas (5:5-6, 10-11, 14), e com as mulheres que estão indo de casa em casa “falando coisas que não devem” (5:13). O fato de que Paulo descreve essas mulheres como “falando coisas que não devem” sugere que elas estavam associadas, de alguma forma, a “certas pessoas” as quais Timóteo foi instruído a impedi-las de ensinar “doutrinas falsas” (1:3). A conexão dessas mulheres com os falsos mestres pode também ser vista em seu desejo de não se casar e ter filhos (5:11-16), coincidindo com a advocacia dos falsos mestres quanto ao celibato (4:1-3; 5:9-10). Era a ligação dessas mulheres com os falsos mestres e suas doutrinas heréticas que se encontrava no coração da proibição de Paulo.

Aprender em silêncio e ser submissa. O contexto da passagem nos dá o motivo para a declaração de que as mulheres devem aprender em silêncio. Em vez de ouvir os falsos mestres, elas devem ser ensinadas na igreja por aqueles que são bem-versedos na doutrina cristã. Como boas estudantes, as mulheres devem aprender em silêncio, ou seja, não devem interferir no processo do ensino. Além disso, elas devem ser submissas aos mestres e aos ensinamentos cristãos.

Mulheres proibidas de ensinar. As mulheres são proibidas de ensinar devido à influência que os falsos ensinamentos tinham sobre elas – uma influência que somente afetou o seu comportamento, mas que, aparentemente também envolveu a promoção dos falsos ensinamentos por parte delas. *As mulheres, em Éfeso, não eram adequadas para ensinar, não devido ao fato de serem mulheres, mas porque foram ou estavam sendo enganadas pelos falsos mestres* – assim como Eva tinha sido enganada pelas palavras sedutoras da serpente (cf. 1Tm 2:14; 2Co 11:3-4). Sob essas circunstâncias, tais mulheres não estavam em posição de ensinar; elas primeiro necessitavam se tornar aprendizes (2:11).

Ter autoridade sobre. O verbo *authentein*, em 1 Timóteo 2:12, traduzido “tenha autoridade sobre”, não se refere à autoridade oficial de ensino. O cuidadoso exame do uso do verbo mostra “que

não há autorização no primeiro século para traduzir *authentein* como ‘exercer autoridade’”.¹⁸ Esse tipo de autoridade é, normalmente, expressado através da forma verbal da palavra grega comum que Paulo usa para se referir à autoridade – *exousia* (ex.: Rm 9:21; 13:3; 2Co 13:10; 2Ts 3:9). Antes, ele usa o verbo incomum *authentein* – apenas encontrado aqui no Novo Testamento, mas um termo que também tem conotações negativas associadas a ele. Refere-se a um domínio ou a uma forma de controlar o comportamento. Isso indica que o problema em Éfeso estava enraizado na forma dominante e controladora na qual as mulheres estavam ensinando ou, mais provavelmente, em sua atitude para com aqueles que as estavam instruindo. Paulo proíbe seu comportamento impróprio no verso 12 e então explica o motivo para a proibição com respeito à ordem da criação, no verso 13.

Adão e Eva. É importante notar que Paulo não explica o que ele quis dizer ao falar: “Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, [...]” (v 13, 14). Por conseguinte, foram dadas diferentes explicações a essas palavras (ex.: Eva usurpou a liderança de Adão). Paulo, no entanto, está contrastando a precedência de Adão na Criação com a precedência de Eva no pecado, a fim de indicar que o engano não é inevitável – Adão, embora criado primeiro, não foi enganado. O engano, em ambos os casos, está associado a falsos mestres e se as mulheres deixassem de ouvi-los não seriam enganadas. Essa interpretação do texto, conforme seu contexto imediato, é apoiada por 1 Coríntios 11:5, onde Paulo especificamente reconhece o direito das mulheres de pregar ou profetizar na igreja – atividades que não apenas eram feitas em voz alta, mas também incluíam um elemento de ensino público.

Na compreensão a partir dessa perspectiva, a proibição de Paulo é melhor compreendida como uma injunção temporária, especificamente relacionada aos falsos ensinamentos que estavam perturbando os crentes em Éfeso. Assim como toda a Escritura, a passagem tem autoridade universal para a igreja hoje. Mas para ser fiel à Escritura, a passagem deve apenas ser aplicada a *situações similares* na igreja – situações onde, sob a influência de falsos ensinamentos o comportamento de certos indivíduos, quer mulheres ou homens, ameaçam minar a proclamação do verdadeiro evangelho (Gl 1:7-9). O contexto indica que essa passagem não diz respeito à ordenação das mulheres ao ministério ou a respeito da autoridade dos anciãos da igreja sobre as mulheres. Nem tampouco a respeito da autoridade do marido sobre a mulher.

¹⁸ Linda L. Belleville, “Teaching and Usurping Authority: 1 Timothy 2:11-15,” in *Discovering Biblical Equality: Complementarity without Hierarchy* (ed. Ronald W. Pierce and Rebecca M. Groothuis; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 216.

NATUREZA DO MINISTÉRIO CRISTÃO

JESUS E O MINISTÉRIO CRISTÃO. A natureza do ministério cristão foi manifestada e estabelecida de maneira inquestionável por Jesus mediante Seu ministério de ensino e sacrifício: “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10:45). O serviço altruísta é a maior expressão do ministério cristão, conforme manifestado na encarnação e morte do Filho de Deus. Aquele que era de natureza divina, Se tornou servo a ponto de entregar Sua vida por nós (Fp 2:5-8). *Sua exaltação se baseou em Seu serviço incomensurável pelos outros.* Ele também ensinou isso aos discípulos quando lhes disse: “Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Pelo contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (10:42, 43).

A teologia do ministério de Jesus se fundamenta no serviço, na abnegação, na humildade, e não em uma luta pelo poder, pela posição, pelo status ou gênero. *Jesus estava reestabelecendo, em Sua igreja, o princípio divino da ordem que regia Seu reino cósmico antes da origem do pecado, a saber, o amor divino manifestado no serviço aos outros.* As posições de liderança eram então atribuídas com base na vida de serviço e não com base na precedência na criação ou gênero. Jesus não qualifica o que Ele diz com base no gênero, como se o serviço da mulher devesse sempre ser de natureza inferior ao dos homens. As posições de liderança, Ele diz, são atribuídas a *todos* com base no serviço.

MINISTÉRIO NA IGREJA. Ao seguir as instruções de Jesus, os escritores do Novo Testamento visionavam todo o ministério como serviço (*diakonia*) e aplicavam o termo ao serviço de todos os crentes, quer dos que exerciam papéis de liderança como dos que cumpriram outros papéis ministeriais na igreja (Rm 16:1; Fp 2:5-7; Cl 1:7; 1Pe 4:10). Em suas cartas às igrejas, Paulo usou as mesmas palavras para descrever seu ministério e o de seus cooperadores, incluindo mulheres (Rm 16:3; 1Ts 3:2). Juntos eles eram servos (*diakonos*) e escravos (*doulos*) do evangelho e de Cristo (Cl 1:7, 4:7, 12; Ef 6:21). O tipo de autoridade exercido pelos crentes cristãos é, portanto, diferente do visto no mundo como um todo. Em vez de ser concebido em termos de “dominar sobre”, ou “ter autoridade sobre” (Mc 10:42), o propósito de todo ministério cristão é encorajar, capacitar, habilitar e prover uma visão “para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4:12) e sua missão seja cumprida. Os princípios bíblicos para exercer autoridade desafiam cada cultura humana de alguma forma. É essencial reconhecer que a cultura tem uma poderosa influência para moldar as pessoas. Os adventistas do sétimo dia creem que toda a

autoridade eclesiástica deve ser exercida em espírito de humilde serviço a Deus e a Seu povo (Mt 20:24-28; 1Pe 5:1-4).

Na Palavra de Deus, o ministério é concebido como serviço e, como tal, é o chamado a cada pessoa que aceita a Cristo como Salvador e Senhor e se torna parte de Seu corpo. Todos os seguidores de Cristo são chamados a representá-Lo no mundo, a agirem em Seu nome, e a ministrarem aos outros, de acordo com seus dons (2Co 5:20; 1Pe 4:10). Portanto, no NT, não se vê distinção entre o ministério espiritual (ou clero) e um leigo secular. Cada seguidor de Cristo é um ministro ou servo e é chamado a cumprir um ministério de acordo com a vontade do Espírito Santo.

A DÁVIDA ESPÍRITO

O ESPÍRITO PARA HOMENS E MULHERES. A fim de estabelecer a ordem na igreja, com base na ordem cósmica estabelecida por Deus, todos os membros da igreja – homens e mulheres – receberam, no Pentecostes, o poder do Espírito Santo. Assim foi inaugurada a missão da igreja. Mediante o Espírito, Cristo fez provisão para que cada crente participasse em Seu ministério. Ele segue capacitando os crentes ao prover-lhes os dons espirituais, cujo propósito é edificar e servir a comunidade cristã e facilitar seu empenho missionário (Rm 12:6-9; 1Co 12:6-11; Ef 4:7, 11-13). Ao prestar serviço amoroso um ao outro e ao mundo, os crentes demonstram sua obediência à ordem de Jesus (Mt 22:37-39; 28:18-20).

OS DONS SÃO INCLUSIVOS DE GÊNERO. O ensino do Novo Testamento sobre os dons espirituais indica que o Espírito Santo concede dons a todos os cristãos, independentemente da raça, gênero ou status social. Todos os crentes recebem alguns dons para a edificação do corpo de Cristo e para a missão e ministério no mundo. Esse fato é evidência de que todos os cristãos (homens e mulheres) receberam dons e são encorajados a desejarem os “melhores dons” (1Co 12:7, 11, 31). Cada seguidor de Cristo, sem exceção, tem, portanto, uma contribuição única e especial para o bem-estar e a missão da igreja. Visto que é o Espírito Santo que origina e sanciona todos os ministérios cristãos, os seguidores de Cristo podem esperar receber Seu chamado e são incentivados a abraçarem o ministério especial a que foram chamados. Com base nas palavras proféticas de Joel 2 e a reaplicação de Pedro aos eventos do Pentecostes, os adventistas do sétimo dia, consistentemente, afirmam que todos os dons espirituais são inclusivos de gênero, incluindo dons como o de liderança, profecia, evangelismo, ministério pastoral e ensino.

MEMBROS E MINISTROS: NENHUMA DIFERENÇA ESSENCIAL. Finalmente, o dom espiritual de cada membro sugere que não pode haver qualquer diferença essencial entre os membros e pastores na igreja. Toda forma de clericalismo, ou seja, a ideia de que há uma divisão de classe na igreja, onde alguns possuem status espiritual mais elevado do que outros, é estranho ao pensamento do NT (1Co 12:22-25). Antes, cada crente, sob a guia e liderança do Espírito Santo, é chamado a cumprir um ministério, de acordo com seu dom espiritual (At 1:6-8; 1Co 12:4, 11). Toda reivindicação de exclusividade a esses dons ou negação com base na raça, classe ou gênero é negada, porque sua distribuição é determinada pela vontade do Espírito Santo e não pela dos homens (1Co 12:11).

Concluindo, o ministério cristão é inclusivo de gênero e posições de responsabilidade são dadas com base no chamado divino e na vida de amor manifestada no serviço a Deus e aos outros. Os adventistas creem que “os dons provêm todas as aptidões e ministérios de que a Igreja necessita para cumprir suas funções divinamente ordenadas” (Crenças Fundamentais, 17). Porém, o “sacerdócio de todos os crentes” e a dotação espiritual de cada crente não exclui a ideia de que, a fim de que a igreja cumpra sua missão eficientemente, alguma estrutura ou organização seja necessária (At 15:1-15; 1Co 14:33, 40). Por isso, o Novo Testamento também apoia a ideia de ministérios de liderança especializados.

DONS E A ADIMNISTRAÇÃO

Embora Cristo não tenha provido informações detalhadas sobre como a igreja deve ser organizada, Ele permitiu que a igreja, com a orientação do Espírito e da Escritura, se organizasse e encontrasse formas de melhor cumprir sua missão.

DEUS TOMA A INICIATIVA. O testemunho bíblico é claro de que para cumprir Sua missão na Terra Deus escolheu alguns de Seus seguidores para servir e liderar a igreja, de acordo com o dom espiritual recebido do Espírito Santo (Rm 12:8; Ef 4:7, 11). Em todos os casos do ministério, foi Deus que iniciou o chamado, qualificando as pessoas para o ministério e, por meio da igreja, deu-lhes autoridade para cumprir seus deveres e funções. No AT, esses líderes incluíam os levitas (Nm 8:5-26), Arão e seus filhos (Êx 28-29), os 70 anciãos (Nm 11:10-25), Josué, os juízes e os profetas de Israel.

Assim como no AT, o NT também provê uma variedade de formas pelas quais alguém foi nomeado a um ofício ou tarefa. Em todos os casos, a iniciativa para um chamado a qualquer forma de ministério reside em Deus. Aqueles que dedicaram seu tempo integral ao serviço cristão foram autorizados a receber apoio material da comunidade cristã (Mt 10:10; 1Co 9:3-14; 1Tm 5:17-18).

OS DOZE APÓSTOLOS. Entre os líderes do cristianismo primitivo, os apóstolos desempenharam um papel especial. Jesus nomeou doze homens de grupos maiores de discípulos (Mc 3:13-19; Lc 6:12-16) para serem apóstolos (Mt 10:1-4; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16). Ele os escolheu como testemunhas oculares de Seu ministério (At 1:21, 22) e deu-lhes o ministério de fielmente proclamar e interpretar Suas palavras e testemunho, o evangelho. Depois de Sua morte e ascensão ao Céu (At 2:1-4; Mc 3:13, 14; Mt 28:18-20), Ele confiou a esses indivíduos o exercício da autoridade na igreja (cf. Mt 16:19; 18:18). Como testemunhas oculares, diretamente nomeadas por Cristo, os apóstolos ocupam uma posição ímpar na igreja. Como Paulo diz, eles são, com os profetas, o fundamento sobre o qual a igreja é construída (Ef 2:20). Seu ministério é único e não replicável na igreja. A nomeação dos Doze é considerada como o início da igreja cristã e do ministério cristão. Posteriormente, depois da ascensão de Jesus, os discípulos escolheram, dentre eles, outro apóstolo, Matias, para substituir Judas. Essa nomeação também foi feita em espírito de oração, e o lançar da sorte entre Matias e José Barsabás foi visto como a vontade de Deus (At 1:15-26). No NT, o termo “apóstolo” também é usado para designar o que parece ser missionários (ex.: At 14:14; 1Co 4:6, 9; 1Ts 1:1, 2:6).

DONS ESPECIALIZADOS. No início do cristianismo, encontramos vários indivíduos chamados e dotados por Deus com certos dons do Espírito Santo que lhes permitiam trabalhar em vias especializadas de liderança. Mencionados como apóstolos, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4:11), esses indivíduos agiam como líderes que ajudavam a jovem igreja cristã a cumprir sua missão de forma mais eficiente. Eles tinham a responsabilidade de preparar o povo de Deus para a obra do ministério, “para que o corpo de Cristo seja edificado” (Ef 4:12).

INÍCIO DA NOMEAÇÃO DE LÍDERES. O início da nomeação aos papéis do ministério na igreja é registrado em Atos 6. Quando os apóstolos viram que estavam sendo distraídos de sua missão devido a questões administrativas, eles pediram à igreja para eleger sete homens para assumir a distribuição diária de alimentos. Essa seleção feita por uma assembleia foi concluída com oração e imposição das mãos, sendo esta a primeira referência a tal cerimônia no NT (At 6:1-6). Esse evento marca o início de um ministério apontado pela igreja distinto de um ministério apontado por Jesus ou de outros cujo ministério dependia apenas de um chamado divino direto (ex.: profetas e mestres). Os apóstolos e os sete foram mencionados como realizando o serviço ou ministério para a igreja: os apóstolos estavam realizando o ministério da Palavra, enquanto que os Sete estavam realizando o ministério das mesas. Essa divisão de trabalho não era absoluta, pois o Espírito Santo usou, pelo menos, dois dos sete, Estevão

e Filipe, para ensinar o evangelho de forma poderosa nos capítulos subsequentes de Atos (6:8-10; 8:5, 36-40; 21:8).

Embora a palavra diácono (*diakonos*) não ocorra no livro de Atos, ancião (*presbyteros*) aparece várias vezes, ambos aceitando fundos para distribuição (11:30) e atuando em um papel de liderança com os apóstolos (15:2-4, 22; 21:18). Paulo e Barnabé eram mestres na igreja de Antioquia e também foram separados para a obra missionária, mediante oração e imposição de mãos, por sua igreja (At 13:1-3). Durante sua jornada missionária, eles nomearam anciãos nas igrejas locais que eles estabeleceram (At 14:23). Contudo, o NT também fala de algumas nomeações para várias funções de forma menos formal, tal como as filhas de Filipe e de Ágabo (At 21:8-10). A primeira evidência clara de duas classes de ministérios nomeadas de diáconos e anciãos é a saudação em Filipenses 1:1, mas a distinção fica mais clara em 1 Timóteo 3:1-13. Através da orientação protetora e da preocupação amorosa de Deus, os padrões de ministério, fluídos no início, foram assim estabelecidos na igreja primitiva.

DIÁCONOS E ANCIÃOS. Conforme indicado, o diaconato se originou na nomeação dos sete, em Atos 6. Provavelmente, foi uma questão de tempo para as igrejas, em diferentes lugares, nomear seus próprios diáconos como oficiais na igreja. Paulo dá instruções específicas sobre essa questão (1Tm 3:8-13). Também incluídos entre os que exerciam os dons de liderança estavam os líderes nomeados – anciãos/supervisores e diáconos – eleitos pela comunidade e afirmados pelos apóstolos. Reconhecendo o dom de liderança nesses indivíduos e a atuação do Espírito Santo em suas vidas (At 6:3), a igreja os escolheu para a tarefa de supervisão espiritual, proteção da comunidade (pastor), ensino e pregação (At 20:28; 1Tm 5:17).

Dons e ofícios não devem ser drasticamente distinguidos visto que os anciãos foram nomeados para seu ofício com base no recebimento dos dons que os qualificaram para essa função específica. Por exemplo, dentre os dons do Espírito, encontramos o de pastor (*poimēn*; Ef 4:11) que é usado como sinônimo de ancião/supervisor (1Pe 5:1-4; At 20:17, 28). As funções de ancião e supervisor são também sinônimos uma da outra (At 20:17, 28; Tt 1:5, 7). O dom do ensino também é descrito como uma responsabilidade de um ancião/supervisor (1Tm 2:2; Tt 1:9). Esses papéis (pastor/mestre, ancião/supervisor) não foram claramente distinguidos. Os dons espirituais de pastor/mestre, que são inclusivos de gênero no ensino adventista dos dons espirituais, são, portanto, equivalentes ao da posição nomeada do ancião ou supervisor.

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS NA ESCRITURA

A prática atual de ordenação de líderes da igreja, através do ritual de imposição das mãos, é amplamente usada nos relatos do NT de Atos 6:1-6 e 13:1-3. A Escritura não provê uma descrição litúrgica detalhada ou sua teologia, nem restringe o uso desse ritual apenas ao emposse de líderes da igreja. Assim como muitas outras práticas cristãs, porém, a imposição das mãos tem suas raízes no AT e no judaísmo.

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS NO AT. O rito ocorre no AT em uma variedade de contextos, tais como nas bênçãos, nos sacrifícios ou no apedrejamento devido à blasfêmia (Gn 48:14; Lv 4:4; 24:14). Porém, em apenas duas instâncias pode ser interpretado como o precursor do rito do NT da imposição das mãos sobre os líderes: (1) o emposse dos levitas (Nm 8:10) e (2) a comissão de Josué (Nm 27:23). Ambas as instâncias utilizam a frase hebraica *samak yad* (literalmente, “pressionar as mãos sobre”). Os levitas foram chamados para realizar um serviço sacerdotal especial em favor do povo. A cerimônia de imposição das mãos envolvia toda a congregação de Israel e era feita apenas na inauguração de seu serviço (Nm 8:10). Não há evidência bíblica de que quaisquer gerações posteriores de levitas tenham sido ordenadas ou que esse evento devia ser repetido. Foi um evento único.

O emposse de Josué (Nm 27:23; Dt 34:9) ocorreu em um momento crítico na história de Israel e teve um simbolismo significativo. Aos olhos do povo, ele era agora seu pastor e líder (Nm 27:17), e um homem escolhido por Deus para cumprir uma tarefa crítica. É importante notar, porém, que embora a imposição das mãos feita por Moisés, simbolicamente, significava uma dotação de autoridade, Deus já havia dado a Josué todos os dons espirituais necessários para o cumprimento da tarefa (Nm 27:18). A imposição das mãos foi uma confirmação da presença do Espírito Santo, o qual garante sabedoria para a liderança e o reconhecimento da capacidade de Josué de liderar a nação de Israel, juntamente com o recebimento da autoridade para fazê-lo. Esse foi um evento único, porque antes do período dos reis, nenhum outro líder foi ungido.

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS NO NT. Como no AT, também no NT o ritual da imposição das mãos foi usado em diversas circunstâncias. Duas frases, *epitithein tas cheiras e epitheseos ton cheiron* (imposição da mão/mãos), são usadas mais de 20 vezes para indicar eventos tais como bênção, cura ou recebimento do Espírito Santo no batismo (ex.: Mt 19:13-15; Mc 6:5; At 8:17; 9:17; 19:6). Apenas duas instâncias inequívocas da imposição das mãos se relacionam diretamente ao emposse de crentes nas

posições de liderança: a nomeação dos Sete, em Atos 6, e a “recomendação” de Barnabé e de Saulo, em Atos 13:3, antes de sua viagem missionária (At 14:26).

No caso dos Sete, em Atos 6, eles foram escolhidos (v. 3, 5) pela comunidade cristã, de acordo com as qualificações necessárias apresentadas pelos apóstolos: “bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria” (v. 3). Ao se colocarem diante dos apóstolos, “eles oraram e lhes impuseram as mãos” (v. 6). Infelizmente, não fica claro quem eram esse “eles”. Poderia ter sido toda a comunidade ou poderiam ter sido apenas os apóstolos. Se a igreja estivesse seguindo o precedente do AT, de Nm 8:10 (“e os israelitas imporão as mãos sobre eles”) isso apoiaria a primeira interpretação.

IMPORTÂNCIA DO RITO. Quer os apóstolos ou toda congregação tenham imposto as mãos sobre os Sete, a imposição das mãos não transmitiu, sacramentalmente, um dom que eles já não tivessem. Eles já estavam “cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6:3) e assim tinham os dons espirituais necessários para cumprir o ministério ao qual foram chamados. Foi por isso que foram escolhidos. A mesma interpretação também é válida para o comissionamento de Barnabé e de Paulo. O gesto significava que em suas novas responsabilidades os sete homens, Barnabé e Paulo tinham o pleno apoio, bênção e afirmação da igreja; seu novo ministério e autoridade eram exercidos em nome da igreja. Por esse ritual, essas comunidades do NT reconheceram a presença do chamado do Espírito Santo e deram aos Sete, a Barnabé e a Paulo, e posteriormente a outros líderes na igreja, a autorização para servir em suas funções.

Quais, então, são as implicações do nosso estudo da imposição das mãos para a questão da ordenação das mulheres? Pelo menos, deve-se dizer que a Igreja pode, legitimamente e com base na Escritura, escolher impor as mãos sobre (ou “ordenar”) aqueles que são reconhecidos como tendo recebido o chamado de Deus e os devidos dons espirituais para o ministério pastoral, sem levar em conta o gênero. O fato de que dificilmente há quaisquer diferenças significativas entre os dons e os ofícios (os dons equipam a pessoa para o ofício) indica que considerar os dons como inclusivos de gênero, mas não de ofícios – excluindo assim as mulheres dos ofícios – não tem apoio no NT.

QUALIFICAÇÕES PARA A LIDERANÇA

Embora se espere que os líderes sejam mais maduros no caráter cristão, muitas das qualificações para o ministério da liderança, descritas em 1 Timóteo 3:1-13 são, na verdade, as mesmas esperadas de todos os cristãos. Como veremos, essas qualificações de liderança não são exclusivas de gênero. Esse fato bíblico é muitas vezes passado por alto devido ao uso inclusivo de linguagem na

Escritura, como em muitas línguas e sociedades e mesmo nos tempos modernos, em relação ao sexo (normalmente masculina) para se referir tanto a homens quanto a mulheres. A lista de Paulo das qualificações para a liderança, estruturada no gênero masculino, não exclui as mulheres do serviço nesses ministérios e cargos, mais do que o gênero masculino em todos os Dez Mandamentos e em outras leis do AT (Êx 20; ver especialmente o v. 17), não isenta as mulheres de sua obediência.

DIACONISAS. O NT menciona dois cargos específicos na igreja cristã, ou seja, anciãos e diáconos. Como no caso dos anciãos, os diáconos ocupavam responsabilidades muito importantes de liderança na igreja apostólica. É também importante observar que embora as qualificações para o diaconato sejam específicas de gênero, elas não são exclusivas de gênero (1Tm 3:8-10, 12, 13). Há evidência, ou pelo menos sugestões, no NT indicando que havia diaconisas na igreja apostólica (1Tm 3:11; Rm 16:1). Primeiro, na discussão das qualificações para o diaconato, Paulo insere uma breve lista de qualificações para as “esposas” dos diáconos (1Tm 3:11, NVI), que em grego diz: “As mulheres igualmente sejam dignas, [...]”. Parece que Paulo aqui se está referindo a mulheres que eram diaconisas. Segundo, uma diaconisa é explicitamente mencionada por Paulo em Romanos 16:1: “Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva [*diakonos*] da igreja em Cencreia”. Temos aqui os elementos comuns da recomendação epistolar greco-romana:¹⁹ Isso inclui o nome da pessoa que está sendo recomendada (Febe), o relacionamento com a pessoa (“nossa irmã”), o status/papel da pessoa (“um *diáconos* da igreja em Cencreia”), e uma solicitação “recebê-la e lhe prestar ajuda”.

Terceiro, Ellen G. White apoia a leitura dessas passagens como se referindo à diaconisas que eram ordenadas mediante a imposição das mãos para esse cargo. Ela escreve:

Mulheres que estejam dispostas a consagrar algo do seu tempo ao serviço do Senhor devem ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres. Devem ser separadas para esse serviço pela oração e imposição das mãos. Em alguns casos, necessitarão aconselhar-se com os oficiais da igreja ou o ministro, mas, se forem mulheres devotadas, mantendo uma ligação vital com Deus, serão um poder para o bem na igreja. Esse é outro meio de fortalecer e edificar a igreja.²⁰

¹⁹ See Robert Jewett and Roy David Kotansky, *Romans: A Commentary* (Hermeneia—A Critical and Historical Commentary on the Bible, Minneapolis, Min: Fortress Press, 2006), 941-942.

²⁰ White, *Review & Herald*, July 9, 1895.

Líderes da igreja, incluindo seu filho W. C. White, interpretaram essa declaração como significando que as mulheres poderiam ser ordenadas para o ofício de diaconisa. Por conseguinte, eles começaram a ordenar as mulheres como diaconisas.²¹ O que foi sugerido no NT ficou explícito por meio do ministério profético de Ellen G. White. Isso é claramente apoiado por Ellen G. White e levou alguns de nossos pioneiros a ordenar mulheres como diaconisas. Essa descoberta, como veremos, é muito significativa.

MULHERES COMO ANCIÃS. Há uma clara evidência indicando que embora a linguagem usada ao listar as qualificações para o ancionato seja específica de gênero (masculino), ela não é exclusiva de gênero. Primeiro, o prefácio à lista de qualificações de Paulo começa com a declaração: “se alguém (no grego *tis*) deseja ser bispo (*episcopē*) [...]”, não: “Se um homem (*anēr*) deseja [...]” (1Tm 3:1). No grego, *tis* é um pronome indefinido que, como tal, não está interessado na definição de gênero. O uso desse pronome indica que Paulo não está interessado em gênero, mas que ele está recomendando o ofício de bispo como digno de ser anelado. Isso encontra apoio no fato de que o apóstolo está principalmente interessado no caráter do supervisor (bispo) como um líder espiritual, em vez de em seus deveres. Portanto, quando Paulo diz “alguém”, ele quer dizer “qualquer pessoa”. Esse é o significado claro do texto. É verdade que o substantivo “ancião” em grego é masculino, mas este também é o caso com o

²¹ “A number of women were ordained as deaconesses during Ellen White’s Australian ministry. On August 10, 1895, the nominating committee at the Ashfield church in Sydney rendered its report, which was approved. The clerk’s minutes for that date state: ‘Immediately following the election, the officers were called to the front where Pastors Corliss and McCullagh set apart the elder, deacons, [and] deaconesses by prayer and the laying on of hands.’ Several years later, in the same church, W. C. White officiated at the ordination of the church officers. The minutes of the Ashfield church for January 7, 1900, state: ‘The previous Sabbath officers had been nominated and accepted for the current year, and today Elder White ordained and laid hands on the elders, deacon, and deaconesses—Adventist Review, Jan. 16, 1986.’ (“Exhibits Relating to the Ordination of Women,” a paper presented at the ministerial meeting at the 1990 General Conference session. Prepared by the White Estate staff).

Jerry Moon commented on the statement by Ellen White: “Three responses to this appeal are known. Shortly after this was written, the Ashfield church in Sydney, Australia, not far from where Ellen White was then working, held an ordination service for newly elected church officers. “Pastors Corliss and McCullagh of the Australian conference set apart the elder, deacons, [and] deaconesses by prayer and the laying on of hands.” (Minutes of the Ashfield SDA Church, Sydney, Australia, Aug. 10, 1895, cited by A. Patrick; cf. DG 249). Notice that identical terminology is used for all three offices. Another record from the same church five years later (1900) reports the ordination of two elders, one deacon, and two deaconesses. This time the officiating minister was W. C. White, whose diary corroborates the church records (see Patrick). A third example comes from early 1916, when E. E. Andross, then president of the Pacific Union Conference, officiated at a women’s ordination service and cited Ellen White’s 1895 Review article as his authority (DG 253-255). Both the internal evidence of Ellen White’s 1895 article and the responses of those close to her at the time—the Ashfield church; her son W. C. White; and E. E. Andross, president of the Pacific Union Conference during her Elmshaven years—confirm that Ellen White here approved the ordination of women to a role then associated with the office of deaconess in the local church” (Jerry Moon, “Ellen White, Ordination, and Authority,” [Theology of Ordination Study Committee, July 2013], 33).

termo grego *diakonos*. Portanto, embora ambos os termos sejam específicos de gênero, eles não são exclusivos de gênero.

Segundo, a frase “marido de uma só mulher” (literalmente “homem de uma mulher”) não significa que apenas o homem pode ser ancião. A mesma frase é usada para se referir tanto aos diáconos quanto aos anciãos (1Tm 3:1, 12) e está claro que a mulher pode ocupar o ofício de um diácono. Portanto, embora a frase certamente seja específica de gênero, não é exclusiva de gênero, porque havia mulheres no diaconato. A ênfase da frase está na pureza moral em vez do gênero (cf. 5:9). Em um contexto cultural predominante de prostituição cultural, Paulo usa linguagem masculina para apresentar a pureza sexual e a monogamia como uma qualificação dos diáconos e dos anciãos, quer fossem homens quer mulheres. Os anciãos e diáconos devem ser sexualmente puros. Novamente, essa instrução identifica um tributo moral que também qualifica as mulheres, visto que Paulo também ensina que uma viúva idosa fiel é uma “esposa de um marido” ou “uma mulher de um homem” (1Tm 5:2, 9).

Terceiro, que se espera que os anciãos administrem sua casa bem, e isso não exclui as mulheres desse ofício. A mesma qualificação é requerida dos diáconos (3:12), e como vimos uma mulher pode atuar como um diácono. As mulheres devem administrar bem sua casa também (5:14). Encontramos um bom exemplo disso na experiência de Lídia (At 16:15). O principal objetivo desta exigência é assegurar que o ancião e o diácono tenham boa experiência administrativa. É claro que nenhuma das outras qualificações para diáconos e ancião se destinava a excluir as mulheres desses papéis.

Resumindo, Paulo usa linguagem de gênero (masculina ou feminina) em situações específicas para transmitir princípios relevantes para homens e mulheres em ministérios de liderança. Isso indica que mesmo quando as qualificações são redigidas em linguagem específica de gênero, elas não são exclusivas de gênero, visto que são as mesmas para todos os cristãos. Assim sendo, as mulheres podem ocupar posições ou cargos de diáconos e anciãos, ainda que não encontremos no NT qualquer mulher nomeada como anciã na igreja. O texto bíblico permite isso, indicando novamente que Deus não discrimina qualquer ser humano. *Qualquer pessoa que tenha recebido e desenvolvido os dons do Espírito pode ser usada por Ele em qualquer posição na igreja.*

CONCLUSÃO

Na comunidade de fé estabelecida por Jesus, as posições de liderança não devem ser baseadas em raça, classe, cultura ou gênero. O elemento central é a lealdade somente a Cristo e o cumprimento de Sua missão no mundo, através de um amor que se manifesta em serviço. Paulo, intencionalmente,

desmantela todos os sistemas de ordenação de relacionamentos construídos nas compreensões herdadas dos valores baseados na origem racial ou cultura, no status econômico e de gênero e os substitui por um sistema de valores construído exclusivamente nos dons dados pelo Espírito Santo a membros individuais do corpo de Cristo. As antigas formas de relacionamento uns com os outros são substituídas por uma nova relação em Cristo (Gl 3:28, 29; Cl 3:11). Deus deseja restaurar na terra a mesma ordem cósmica que Ele estabeleceu na terra no princípio. Nessa comunidade, todos têm valor igual como membros do corpo de Cristo, porque todos experimentaram o Cristo ressurreto. Todos são dotados com uma variedade de dons espirituais, incluindo os dons do ministério e liderança, que devem ser usados para o benefício dos crentes, para a missão global da igreja e para a manutenção dos ofícios de diáconos e anciãos (Rm 12:1-8).

Ao esta missão se aproximar de seu cumprimento, homens e mulheres na igreja perseguida do tempo do fim são declarados por Cristo como sendo “reis e sacerdotes” de seu Deus (Ap 5:10; cf. 1:6; 20:6; Êx 19:5, 6; 1Pe 2:9, 10). Essa ordem de um ministério sacerdotal inclusivo servindo a Deus na igreja caracteriza o livro de Apocalipse como um todo (como um cumprimento de Is 61:6). Sem distinção de gênero, Cristo salvou homens e mulheres (Ap 1:5-6; 5:9-10), chamou-os para ministrar e proclamar o reino de Deus até a Sua vinda (14:6-13), e prometeu que eles reinariam sobre o mundo com Ele, como reis sacerdotais (20:4-6). Portanto, o “sacerdócio” de homens e mulheres é uma característica da igreja remanescente.

ELLEN G. WHITE E AS MULHERES NO MINISTÉRIO

Ellen White, enfática e repetidamente, convidou as mulheres para serem treinadas e empregadas em várias formas de ministério, e até mesmo para ordenar algumas delas para esses ministérios. Que ela apoiou o envolvimento das mulheres em várias formas de ministério é bem conhecido e documentado. Muitas publicações ajudaram os adventistas a se tornar mais conscientes dos pensamentos dela sobre este tema, e hoje as mulheres estão envolvidas em todas as formas de ministério em nossa igreja.

Uma cuidadosa consideração aos pensamentos de Ellen White sobre o papel das mulheres na igreja, extraída em seu contexto do século 19, apoia o caso para a ordenação de mulheres hoje. A perspectiva que extraímos dos escritos de Ellen White nos anima a avançar e ampliar os limites da nossa compreensão do ministério e da ordenação, prosseguir com fé e responder à liderança de Deus na plena

participação das mulheres em todos os aspectos do ministério. Cinco palavras simples podem descrever melhor a perspectiva de Ellen White sobre as mulheres no ministério e a ordenação de mulheres.

SILÊNCIO

Ellen White é completamente silenciosa sobre alguns textos-chave e conceitos usados para impedir que as mulheres sirvam no ministério. Histórias do ministério de Ellen White ilustram que há 150 anos as mulheres não estavam tão envolvidas na vida pública social ou religiosa como estão hoje. Na verdade, às vezes, era impróprio e indecente ver uma mulher falando em uma assembleia. E, com base em uma leitura tradicional das admoestações de Paulo em 1 Coríntios 14:34-35 ou 1 Timóteo 2:12, muitos se opuseram a ouvir as mulheres falar em reuniões religiosas. Porém, Ellen White nunca comentou esses dois textos-chave. Seu silêncio sobre esses textos diz muito sobre a importância que devemos lhes dar em nossa discussão sobre as mulheres no ministério hoje. Seus colegas adventistas do sexo masculino, contudo, comentaram esses textos e, às vezes, usaram Gálatas 3:28 para afirmar que o que Paulo escreveu sobre as mulheres não falarem em público era num contexto cultural que não tem aplicação universal hoje. Eles também se referiram a muitas colaboradoras de Paulo para afirmar a conclusão óbvia de que Paulo, portanto, não estava falando contra as mulheres no ministério. Uma das respostas mais claras vem de G. C. Tenney, presidente da Associação Australiana, em 1892.

A dificuldade com esses textos é quase inteiramente devido a conclusões imaturas a que se chegou a respeito deles. Definitivamente, é ilógico e injusto dar a qualquer passagem da Escritura um significado radical desqualificado que está em discrepância com o conteúdo principal da Bíblia e diretamente em conflito com seus claros ensinamentos. A Bíblia pode ser harmonizada em todas as suas partes, sem sair das linhas da interpretação consistente. Mas grande dificuldade, provavelmente, experimentam aqueles que interpretam passagens isoladas sob uma luz independente, de acordo com as ideias que eles mantêm. Aquelles que foram levados a crer que é vergonhoso para as mulheres falar na reunião, não olham além desses textos e lhes dão aplicação abrangente. Os críticos da Bíblia, críticos do sexo feminino, bem como as mulheres que estão buscando uma desculpa para a inatividade, buscam essas passagens do mesmo modo. Por seu mau uso desses textos, muitas pessoas conscienciosas têm uma concepção errônea do que Paulo queria ensinar.²²

²² G. C. Tenney, "Woman's Relation to the Cause of Christ," *Review & Herald*, May 24, 1892, pp. 328-329.

INCLUSIVIDADE

Ellen White cria na inclusão das mulheres em todos os aspectos do serviço e ministério. Em 1893, embora alguns homens não se sentissem confortáveis com as mulheres servindo no ministério juntamente com seus maridos, e sendo justamente remuneradas por seu trabalho, ela argumentou: “Essa questão não é para ser estabelecida pelos homens. O Senhor a determinou”. Deus está chamando as mulheres para se envolverem no ministério e em alguns casos elas “fariam melhor do que os ministros que negligenciam visitar o rebanho de Deus”. Enfaticamente ela afirmou: “Há mulheres que devem trabalhar no ministério evangélico”.²³

Em 1879, ela tratou de uma situação difícil em South Lancaster, Massachusetts, e afirmou: “Nem sempre são os homens os mais apropriados para a administração bem sucedida de uma igreja. Se mulheres fiéis tiverem mais profunda lealdade e verdadeira devoção do que os homens, elas poderão, certamente, por suas orações e trabalho, fazer mais do que os homens não consagrados de coração e na vida”.²⁴ Nessa declaração inclusiva, sua compreensão do ministério abrange a administração de uma igreja, um ministério que as mulheres podem receber.

Em 1880, ela convidou os jovens a se envolver na colportagem porque ela poderia servir como uma boa educação para “homens e mulheres para fazerem trabalho pastoral”.²⁵ Vinte anos depois, em 1900, ela novamente incentivou as mulheres no ministério: “É a assistência do Espírito Santo de Deus que prepara os obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do Seu rebanho”.²⁶ Em 1887, enquanto discutia a necessidade de prover boa educação ao jovem adventista em nossas escolas, ela exortou os administradores a fazer o seu melhor para treinar as jovens “com uma educação para adequá-las a qualquer posição de confiança...”.²⁷

Embora ela estivesse ciente de que, em seus dias, havia restrições sobre o que as mulheres podiam fazer ou em que podiam ser empregadas pela igreja, ela não limitou as opções disponíveis para as mulheres e nunca usou o conceito da autoridade masculina para limitar as mulheres no ministério. Se, de alguma forma, Ellen White cresse que deveria haver limites nas opções do ministério para as mulheres, ela teve inúmeras oportunidades para esclarecer seu pensamento. Ela nunca o fez. Em vez disso, seus encorajamentos às jovens são consistentemente abertos e inclusivos.

²³ White, “The Laborer Is Worthy of His Hire,” Manuscript 43a, 1898, Manuscript Release 5, 324-327.

²⁴ Ellen G. White to Brother Johnson, n.d. (Letter 33), 1879, Manuscript Release 19, 56.

²⁵ White, Testimonies 4, 390

²⁶ White, Testimonies 6, 322.

²⁷ White, Fundamentals of Christian Education, 117-118 (emphasis added).

E quanto à ordenação?

VARIEDADE

Ela compreendia a ordenação como uma variedade de funções. Inúmeras passagens em seus escritos proveem ilustrações significativas sobre o que ela entendia que a ordenação e a imposição das mãos significavam. Ellen White sinceramente acreditava que o ministério pastoral ordenado por si só não é suficiente para cumprir a comissão de Deus, que Deus está chamando cristãos de todas as profissões para dedicarem sua vida ao serviço de Deus. Portanto, ela convidou a igreja a diversificar sua compreensão das formas de ministério a fim de incluir os papéis não tradicionais além do de pastor, ancião e diácono ordenados que encontramos no NT, a fim de satisfazer as necessidades da igreja. Ela até mesmo advogou a ordenação de pessoas nesses papéis.

Em 1908, para encorajar a missão das instituições médicas adventistas, Ellen White escreveu que os missionários médicos deveriam ser separados “para sua obra de maneira tão sagrada como o ministro do evangelho”.²⁸ Em um contexto similar, em 1895, ela escreveu um longo artigo sobre o trabalho de leigos nas igrejas locais. Ela aconselhou:

Mulheres que estejam dispostas a consagrar algo do seu tempo ao serviço do Senhor devem ser designadas para visitar os enfermos, cuidar dos jovens e ministrar às necessidades dos pobres. Devem ser separadas para esse serviço pela oração e imposição das mãos. Em alguns casos, necessitarão aconselhar-se com os oficiais da igreja ou o ministro, mas, se forem mulheres devotadas, mantendo uma ligação vital com Deus, serão um poder para o bem na igreja. Esse é outro meio de fortalecer e edificar a igreja. Precisamos distribuir-nos mais em nossos métodos de trabalho.²⁹

Aqui ela diz que Deus está conduzindo a igreja a separar mulheres para essas formas de ministério.

Nessas duas recomendações, Ellen White claramente tinha em mente uma compreensão mais ampla da ordenação do que alguns em seus dias e via a ordenação como uma forma de afirmação, servindo a uma variedade de funções e propósitos. Não encontramos precedentes bíblicos explícitos para essas duas recomendações de ordenação que ela está advogando. Isso, provavelmente, porque Ellen White não compreendia a ordenação como uma forma de sacramento limitado apenas a certas

²⁸ White, *Evangelism*, 546 (emphasis added).

²⁹ White, “The Duty of the Minister and the People,” *Review & Herald*, July 9, 1895 (emphasis added).

funções específicas de gênero. De uma perspectiva missionária, parece óbvio que, em seus conselhos, todas essas funções são inclusivas de gênero.

COMISSIONAR

No pensamento de Ellen White, a ordenação é o mesmo que comissionar. Esses dois últimos exemplos refletem uma compreensão não sacramental da imposição das mãos. A ordenação é, acima de tudo, uma forma de afirmação e comissão para uma tarefa. Na verdade, é correto dizer que em seus escritos a ordenação e a comissão são a mesma coisa.³⁰

Em 1873, John Tay se uniu à Igreja Adventista do Sétimo Dia e logo se sentiu chamado por Deus para dedicar seu tempo como missionário voluntário no Pacífico Sul. Em 1886, ele aportou na Ilha de Pitcairn e teve sucesso, pela graça de Deus, na conversão de toda população. Por não ser ministro ordenado, porém, ele não se sentiu autorizado a batizar esses conversos. Dez anos depois, Ellen White comentou esse evento e tinha isto a dizer:

... tem sido um grande erro que homens saiam, sabendo que são filhos de Deus, como o Irmão Tay, que foi às Ilhas Pitcairn como missionário para trabalhar, [mas] não se sentiu à vontade para batizar, porque não fora ordenado. Isso não é um arranjo de Deus; é uma adaptação dos homens. Quando homens saem com o fardo da obra e para trazer almas para a verdade, esses homens são ordenados por Deus, ainda que nunca tenham passado pela cerimônia da ordenação. Dizer que eles não podem batizar quando não há outra pessoa é um erro. Se houver um ministro que pode ser contatado, tudo bem, então, eles devem buscar o pastor ordenado para realizar o batismo, mas quando o Senhor trabalha com um homem para trazer uma alma aqui e ali, e eles não sabem

³⁰ Very early in Seventh-day Adventist history, the leading pioneers of the movement felt concerned about the confusion and false teachings that were sometimes manifested among the small group of Sabbatarian Adventist believers. Following the example of New Testament apostles who had set apart elders to oversee local congregations against false teachings and to administer the ordinances of baptism and the Lord's Supper, these early Adventist leaders selected promising men and set them apart with prayer and laying-on of hands. The criterion for their ordination was the "full proof" evidence "that they have received their commission from God". By ordaining them, the group of believers "would show the sanction of the church to their going forth as messengers to carry the most solemn message ever given to men" (White, Early Writings, 100-101). The ordination of these early Adventist itinerant preachers served as a rite to authorize them to speak on behalf of the church and to preserve order in the emerging church. It is interesting to note that in this passage Ellen White does not use the word ordination, but rather refers to this rite as a setting apart and a commission. This indicates that she uses these words and concepts synonymously.

quando haverá uma oportunidade dessas preciosas almas serem batizadas, ele nem deveria questionar sobre o assunto, deveria batizar essas almas.³¹

É instrutivo que Ellen White diga que a ideia de que um leigo não pode realizar um batismo em circunstâncias especiais porque não é ministro ordenado “não é um arranjo de Deus; é uma adaptação dos homens”. Talvez alguns podem dizer que ela exagerou sua resposta ao que aconteceu. Entretanto, há um aspecto de sua compreensão da ordenação que a leva a dizer isso. A ordenação pela igreja é vista como uma afirmação da ordenação espiritual anterior de Deus e do comissionamento ao ministério. Os seres humanos simplesmente reconhecem o que Deus já abençoou. Na verdade, em 1851, quando escreveu sobre a ordenação dos primeiros ministros adventistas, ela chamou essa cerimônia de comissionamento, não de ordenação. Quarenta e cinco anos depois, em 1896, ela ainda mantinha o mesmo conceito de ordenação.

MISSAO

Ellen White cria que todos nós temos uma parte na missão adventista mundial. Ela instou a igreja a reconhecer o chamado de Deus a homens e mulheres pela imposição das mãos para uma variedade de funções a fim de que a missão da igreja pudesse ser mais diversificada e completa. Ela era apaixonada por salvar o perdido e cria firmemente que todos os homens e mulheres adventistas deviam ser ativos no ministério. A história adventista é também reveladora sobre a prática da ordenação. George Butler se tornou presidente da Associação de Iowa em junho de 1865, mas só foi ordenado em setembro de 1867. Urias Smith serviu como editor da Review and Herald a partir de 1855, e secretário da Associação Geral a partir de 1863. Ele foi ordenado em 1874. Ao longo do tempo, nossa compreensão do ministério mudou e começamos a ordenar homens que não eram apenas evangelistas. Essa foi uma forma de reconhecer outros dons do ministério. Expandimos nossa visão do ministério para incluir mais pessoas que servem em uma variedade de ministérios. Por que não deveríamos fazer o mesmo pelas mulheres? Ellen White não segue ainda nos instando a ampliar nossas formas de ministério para alcançar um mundo perdido? Ela incentivou as mulheres a serem ativas em muitas funções e ministérios e cria que, com a devida educação, as mulheres poderiam ocupar “qualquer posição de confiança”.

Ellen White estava disposta a encorajar as mulheres em seus dias, em uma sociedade e contexto nos quais as mulheres não eram encorajadas a ser ativas na sociedade, porque ela acreditava em um amplo ministério inclusivo de gênero para advertir um mundo a perecer sobre a breve vinda de Cristo.

³¹ White, “Remarks Concerning the Foreign Mission Work,” Manuscript 75, 1896 (emphasis added).

Se quisermos seguir seu exemplo, a ordenação deve estar associada à missão e à propagação do evangelho, não ao estabelecimento ou à preservação de um ministério exclusivamente masculino. Restringir o que as mulheres podem fazer na igreja hoje às mesmas atividades e funções limitadas permitidas pela igreja no século 19 é deixar escapar a validade permanente da mensagem de Ellen White. Ela incentivou abordagens progressivas e inovadoras no ministério e na missão.

Devemos notar que Ellen White não estava interessada em deslocar os homens dos papéis tradicionais que mantêm na família, igreja e sociedade. Ela pediu à igreja, porém, para permitir que as mulheres servissem em amplas funções do evangelho e ministério pastoral, e em qualquer posição de confiança para a qual eram qualificadas, incluindo até mesmo a administração da igreja. Deste modo, ela apelou à igreja para incluir as mulheres com dons de liderança, ministério pastoral e ensino (todas as mesmas funções bíblicas ocupadas por pastores, professores, anciãos e supervisores), e para ordená-las para essas posições, assim como os homens são ordenados para as mesmas posições.

NOMEAÇÃO A CARGOS NA IGREJA ADVENTISTA DO SETIMO DIA

Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, a nomeação a cargos e funções combina uma série de atributos que vemos na Escritura. A maioria das nomeações é feita por meio de um processo de seleção realizado por comissões que a comunidade da fé indica para fazer ou recomendar as decisões para as nomeações. A autoridade para exercer essas funções é assim conferida no momento em que as comissões constitutivas, os conselhos ou assembleias tomam as decisões para as nomeações. Depois da decisão para nomear alguém para um cargo ou uma função, pelas respectivas comissões das igrejas ou pelas comissões diretas das associações/uniões, alguns oficiais são empossados e ordenados mediante uma cerimônia de oração e imposição das mãos, como no caso de diáconos, anciãos e pastores. Outros oficiais são nomeados a seu ministério ou função simplesmente pelo voto de uma comissão ou conselho (ex.: diretores de departamentos; presidentes de colégios e universidades), e outros por voto de uma assembleia geral de crentes (ex.: Associação, União, Divisão e Associação Geral). Durante a ordenação de diáconos, anciãos e pastores, a cerimônia de oração e imposição das mãos é uma confirmação ou representação simbólica de uma decisão tomada antes da cerimônia com o objetivo de lhes conferir autoridade.

Os adventistas do sétimo dia não acreditam que a ordenação confira qualquer poder ou status espiritual. A cerimônia de imposição das mãos é uma forma de bênção na qual a comunidade reconhece

o chamado de Deus na vida do indivíduo. Através da imposição das mãos, a Igreja age para conceder a autoridade representativa para o exercício do ministério do diácono/diaconisa, ancião ou pastor.

CONCLUSÃO

Nosso estudo mostrou que, embora pareça haver um padrão bíblico de liderança masculina entre o povo de Deus, Deus sempre esteve disposto a apontar para um melhor caminho – uma forma que não excluísse as mulheres de posições importantes, com base em seu gênero. Cremos que nossa tarefa mais importante é manejar “corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2:15), incorporando os princípios bíblicos e aplicando os ensinamentos da Bíblia à vida diária. Realizamos essa sagrada tarefa moldada pelos métodos de interpretação que emergem da própria Palavra de Deus, rejeitando agendas não bíblicas e tendências sociais impostas sobre o texto. Pelo estudo cuidadoso e sistemático da Palavra, comparando texto com texto da Escritura, chegamos a uma compreensão mais plena de seu significado, ajudados pelo discernimento prometido pelo Espírito.

Nosso próprio nome – Adventistas do Sétimo Dia – destaca nosso profundo compromisso com a Palavra que revela Cristo como Criador, bem como anuncia nossa esperança do ato recriador pelo qual Ele fará “novas todas as coisas” (Ap 21:5). A partir do relato de Gênesis da criação do homem e da mulher por Cristo, entendemos a igualdade essencial pela qual Ele os formou e a reciprocidade para a qual Ele os projetou. Na visão do apóstolo João acerca do Céu, temos um lampejo dos redimidos – sem distinção de classe, raça ou gênero – adorando e seguindo o Cordeiro “por onde quer que Ele vá” (Ap 14:4).

A missão de Deus, revelada no Antigo e no Novo Testamentos, ilustra ricamente Sua disposição de usar todas as pessoas – agora divinamente não classificadas – para edificar Seu reino e servir Seu povo (Gl 3:28). Tanto os homens quanto as mulheres são chamados, dotados e equipados pelo Espírito para os ministérios que materializam a missão de Deus de salvar a humanidade pedida. Nenhum papel no serviço do povo de Deus é categoricamente excluído de qualquer crente que se entrega a Cristo (cf. Joel 2:28-29), visto que “todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e Ele as distribui individualmente, a cada um, conforme quer” (1Co 12:11). Em tal comunidade, as distinções de raça, classe, cultura ou gênero se tornam secundárias à lealdade central e principal somente a Cristo e à Sua missão no mundo. O registro bíblico é, portanto, repleto de exemplos de homens e mulheres que servem ao povo de Deus como líderes, juízes, testemunhas e profetas.

A clareza do ideal de Deus de capacitar as mulheres e os homens para o serviço e o ministério é uma chave na interpretação que nos ajuda a colocar corretamente as passagens difíceis ou obscuras no seu contexto histórico, incluindo certos conselhos de Paulo a congregações específicas do NT (cf. 1Tm 3:1-13; 1Co 14:26-34). A autoridade de liderança na igreja é reservada apenas a Cristo, e é dever de Seu povo afirmar os dons uns dos outros que Ele soberanamente distribuiu. A imposição das mãos ou “ordenação” não transmite poderes especiais e não implica em aumento de valor. Com elegante simplicidade, essa afirmação manifesta a harmonia que deve sempre existir entre Jesus e Sua igreja (Mt 18:19).

A história adventista do sétimo dia também testifica amplamente para os dons de homens e mulheres no serviço ao povo de Deus. Ellen G. White, que exerceu o dom bíblico de profecia por mais de 70 anos de ministério público, ensinou e instou que tantos homens quanto mulheres poderiam e deveriam atuar em todos os cargos e papéis no corpo de Cristo. Instruídos por seu enfático chamado para servir e inspirados por seu exemplo, os homens e as mulheres adventistas seguem respondendo ao chamado de Deus para o ministério como pastores, líderes e professores, confiando humildemente que, ao assim agirem, estão sendo profundamente obedientes à vontade de Deus.

Enquanto os adventistas do sétimo dia concordam sobre o valor igual de mulheres e homens e seu chamado de representar a imagem de Deus, reconhecemos que outros adventistas do sétimo dia sinceros podem divergir de nós quanto ao ensino da Bíblia sobre quem ordenar. Lembramos a todos os crentes da obrigação de fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4:3). Para esse fim, instamos que as decisões sobre a compreensão bíblica da ordenação das mulheres ao ministério não seja feita pela maioria dos votos. Nos casos em que o Espírito não criou na igreja mundial um consenso sobre o ensino da Bíblia, uma decisão da maioria poderia resultar na imposição da visão religiosa da maioria sobre outros que sinceramente creem que a Bíblia ensina o oposto (cf. Rm 14:5). Na solução de diferenças de opiniões sobre um tema que não faz parte da mensagem e missão da igreja, reafirmamos nossa constante unidade em Cristo e nosso compromisso com a mensagem e a missão da igreja (Jo 17:20-23).

RESPOSTAS A ALGUMAS PERGUNTAS SOBRE A ORDENACAO

O sacerdócio de todos os crentes permite que mulheres sejam ordenadas como pastoras?

Primeiro, embora no AT as mulheres fossem excluídas do sacerdócio, o ensino do NT do sacerdócio de todos os crentes inclui homens e mulheres crentes. A lei levítica é agora liberada das

limitações tribais e étnicas. É verdade que, embora na igreja, todos são “sacerdotes” nem todos são anciãos ou diáconos. Segundo, deveríamos ter em mente que no AT o uso do dízimo era exclusivamente usado para os levitas e nenhum outro israelita deveria recebê-lo – quer homem ou mulher. Na igreja cristã, a lei do dízimo é liberada das restrições de gênero. Então, como Ellen G. White indicou, “o dízimo deve ir para os que trabalham com a palavra e a doutrina, sejam homens ou mulheres” (1MR 263) [Tradução livre.] Isso se baseou no fato de que “é a assistência do Espírito Santo de Deus que prepara os obreiros, homens e mulheres, para se tornarem pastores do Seu rebanho” (T6 322). O sacerdócio de todos os crentes permite que as mulheres sejam ordenadas como pastoras.

Jesus estabeleceu uma hierarquia que excluía as mulheres do ministério ordenado?

Não há um único verso nos evangelhos que até mesmo implique que esse foi o caso. O critério específico estabelecido por Jesus para a atribuição das posições de liderança na igreja era “quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo” (Mc 10:43). Ninguém deve ousar sugerir que essa ordem de Jesus se limitava aos apóstolos. Ela tem aplicação universal na igreja, em qualquer época e lugar. Toda posição de autoridade ou liderança na igreja está disponível àqueles que, sob a influência do Espírito (quer homem ou mulher), sejam verdadeiros servos de Cristo e de Sua igreja.

“Cabeça/autoridade” em 1 Coríntios 11:2-16 significa “fonte”?

O uso do termo grego *kephalē*, clara e inquestionavelmente, indica que pode significar “fonte”. O fato de que um dicionário grego não inclua esse significado não significa nada. Outros dicionários o incluem.³² Portanto, ambos os significados são linguisticamente possíveis em 1Co 11:2-16. A melhor possibilidade é “fonte” porque essa passagem lida com o conceito de fonte: “Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem; [...] Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher” (v. 8, 12). Paulo os descreve na passagem como sendo interdependentes (v. 11). O contexto dessa passagem não apoia a ideia de que, na igreja, um ancião da igreja é o cabeça da mulher.

O NT apoia a ideia de que as mulheres na igreja estão sob a liderança dos anciãos da igreja?

³² E.g. *TDNT*, 6:673; *NIDNTT*, 1:157. The meaning “source” is quite common in Greek literature; see Phillip B. Payne, *Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul’s Letters* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009), 117-137. He provides a list of Greek lexicons from the earliest to the present that establish the meaning “source” for *kephalē* (123, footnote 35).

De acordo com o NT a única cabeça da igreja é Cristo. Ellen G. White escreve: “Que seja visto que Cristo, não o ministro, é o cabeça da igreja”.³³ É somente no lar, no relacionamento entre marido e mulher, que o homem é descrito como o cabeça de sua esposa (ex.: Ef 5:22-23). Essa ideia nunca é transferida para o relacionamento entre os anciãos e as mulheres na igreja.

1 Timóteo 2:12-14 se aplica apenas à situação local em Éfeso?

Não. A passagem tem uma aplicação universal e é muito instrutiva para nós hoje. Paulo, obviamente, está tratando de uma situação local, pois do contrário, a ordem para as mulheres permanecerem em silêncio não seria apenas universal, mas absoluta. O que necessitamos estabelecer, depois de um cuidadoso estudo do contexto da passagem, é seu conteúdo universal. Várias coisas são universais. (1) A igreja deve ensinar a mensagem da salvação a todos, homens e mulheres. (2) O ensino deve ser feito pelas pessoas devidamente qualificadas. (3) Os estudantes não devem ter permissão de ensinar ou questionar a autoridade do instrutor ou o conteúdo do ensino. Não deve ser tolerada a perturbação do ensino. Pois do contrário, haverá conflitos na igreja. A igreja é um lugar de ordem.

O fato de na Bíblia a liderança estar principalmente nas mãos de homens exclui as mulheres da ordenação ao ministério?

Argumentamos neste documento que esse não é o caso. Não há uma única passagem bíblica onde é dada uma ordem divina estabelecendo, permanentemente, que somente os membros do sexo masculino do povo de Deus devem ser ordenados e ocupar as posições mais elevadas de autoridade. O padrão da liderança masculina foi, muitas vezes, alterado pelo próprio Senhor, ao indicar algumas mulheres para as posições mais elevadas de autoridade entre Seu povo (ex.: profetisas e juízas). No NT isso é muito mais visível e abundante (ex.: encontramos colaboradoras de Paulo; profetisas; e, com respeito aos ofícios da igreja, encontramos diaconisas). Em outras palavras, a prática comum de ter líderes homens nunca foi oficialmente instituída pelo Senhor por meio de uma ordem divina. Portanto, Ele nos deu exemplos que podemos seguir na ordenação das mulheres ao ministério. Ao assim procedermos, não estaremos violando uma ordem divina, pois ela não existe.

Deveríamos ignorar a questão da liberdade religiosa quando lidamos com o tópico?

Em certo sentido, poderia ser ignorada, porque a questão mais profunda é outra, um pouco diferente. Ela surge quando a possibilidade de decidir a posição bíblica, pelo voto da maioria, é posta

³³ White, Signs of the Times, January 27, 1890.

sobre a mesa. Se isso for feito, a questão não mais seria se deveríamos ordenar as mulheres ou não, mas se deveríamos ser leais à Crença Fundamental nº 1. A questão é muito complexa e importante para aqueles de nós que sempre enalteceram a mensagem e missão da igreja, conforme resumida em nossa Declaração de Crenças Fundamentais. Nossa mensagem foi estabelecida mediante o estudo da Bíblia e a direção do Espírito Santo por meio de Ellen G. White. O resultado foi a formulação de um consenso entre o povo de Deus. Não houve necessidade de voto porque a Bíblia e o Espírito instruíram a igreja. A Declaração das Crenças Fundamentais é um resumo da mensagem e missão que o Senhor deu à Sua igreja e ela nos une como um povo. A questão que agora enfrentamos é: O que deveríamos fazer com o tópico da ordenação das mulheres ao ministério na falta de um consenso, com base no estudo da Bíblia e a direção do Espírito? Se optarmos pelo voto da maioria, teríamos negado a Crença Fundamental nº 1. A verdade bíblica não mais seria definida com base na Bíblia e somente a Bíblia, mas com base no que a maioria dos crentes crê que a Bíblia ensina sobre o tópico. Então, o voto da maioria poderia ser imposto sobre os que podem ter, sinceramente, concluído que a Bíblia ensina algo diferente (liberdade de consciência?). De fato teríamos criado um magistério eclesiástico (uma maioria de delegados na Assembleia) que decidiria pelo restante da igreja o que quer que a Bíblia ensine sobre um determinado tópico e o que a igreja deve crer. A ordenação das mulheres ao ministério seguiria o que sempre foi entre nós, um tema sobre o qual temos diferentes opiniões (como a questão da natureza humana de Cristo). Esses pontos de vista diferentes foram tolerados pela igreja. Nunca houve um consenso sobre o tópico e, conseqüentemente, nunca foi elevado ao nível de Crença Fundamental. Esse tópico não deve ser resolvido a qualquer preço.

Declaração caminho a seguir No.2

Conscientes de nosso alto chamado como adventistas do sétimo dia, queremos ansiosamente antecipar a breve vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. cremos apaixonadamente que “Deus terá um povo sobre a Terra que manterá a Bíblia, e a Bíblia somente, como o padrão de todas as doutrinas e a base de todas as reformas” (O Grande Conflito, p. 596). A afirmação das Escrituras de que Deus trata as pessoas com imparcialidade (Gn 1, 2; Gl 3:26- 28; Cl 3:11-17; 1Pe 2:8-10; At 10:34) e a urgência de nossa missão (Mt 28:18-20; 24:14; Ap 14:6-12) nos leva a incluir todos os crentes, homens e mulheres, no uso de seus dons dados por Deus e os confirmamos apropriadamente em seu ministério. Deus criou homem e mulher à Sua imagem (Gn 1:26-28) e, ainda que esse ideal tenha sido corrompido pelo pecado, Cristo restaurou o ideal, e no Novo Testamento vemos homens e mulheres ministrando. Deus trabalha continuamente para completar essa restauração. Vemos a restauração desse ideal: (1) na declaração de Paulo sobre a restauração da igualdade (Gl 3; Ef 2:14-22; cf. Ap 5:10); (2) na participação das mulheres no ministério na igreja primitiva (Lc 8:1-3; Rm 16:1, 2, 7; At 18:2, 26); e (3) no trabalho do Espírito no ministério de mulheres na igreja hoje.

O consenso recentemente adotado sobre ordenação declara que “ordenação é um ato de eleição que reconhece o chamado de Deus, separa o indivíduo, e aponta a pessoa para servir a igreja em uma capacidade especial”. Além disso, é uma invocação da “bênção de Deus sobre os escolhidos para trabalhar no ministério”. Essa compreensão da ordenação é consistente quer nós ordenemos um diácono, diaconisa, ancião ou pastor.

Através da história adventista, temos frequentemente encarado questões teológicas e eclesiais que tem causado diferenças entre nós. Apesar de debates algumas vezes acalorados, temos permanecido unidos como um corpo sob Cristo na busca de cumprir nossa missão única dada por Deus. “Não podemos tomar a posição de que a unidade da igreja consiste em ver todos os textos das Escrituras sob a mesma luz. Nada pode unir perfeitamente a igreja a não ser o espírito de busca em se tornar como Cristo” (Manuscript Releases, v.11 p. 266).

A crença fundamental número 14, sobre “Unidade no corpo de Cristo”, declara que “distinções de raça, cultura e nacionalidade, e diferenças entre altos e baixos, ricos e pobres, homens e mulheres, não devem ser motivo de dissensões entre nós. Todos somos iguais em Cristo, o qual por um só Espírito nos uniu numa comunhão com Ele e uns com os outros; devemos servir e ser servidos sem parcialidade ou restrição”. Com base nessa crença fundamental, a Associação Geral estabeleceu diretrizes

regulamentando as responsabilidades na igreja incluindo o emprego de práticas que reconhecem a mulher em papéis de liderança (ver GC Working Policy BA-60). Essas diretrizes refletem nossas convicções sobre a doutrina dos dons espirituais: que o Espírito chama homens e mulheres ao serviço e que todos os dons espirituais são inclusivos ao gênero (1Co 12:11; Jl 2:28, 29; At 2:17-21). A igreja agiu para permitir a ordenação de diaconisas e anciãs e a eleição de pastoras. Apesar dessas diretrizes e práticas serem implementadas de forma diferente por todo o mundo, a igreja tem permanecido uma organização mundial unida, junta em missão e mensagem.

Seguindo a Bíblia e os conselhos de Ellen White, a igreja reconhece a necessidade de adaptar suas práticas às necessidades das pessoas para alcançá-las. A diversidade regional na 101 prática da ordenação de mulheres irá assegurar que nenhuma entidade será compelida a fazê-lo contra a vontade de seus representantes reunidos. Como em outras questões, a fidelidade às Escrituras e o respeito mútuo de uns pelos outros são essenciais para a unidade da igreja.

Portanto, porque aceitamos o chamado bíblico para darmos testemunho da imparcialidade de Deus e por crermos que a desunidade e fragmentação será resultado inevitável de se forçar uma só perspectiva em todas as regiões, propomos que:

- Cada entidade responsável por chamar pastores seja autorizada a escolher ter apenas homens como pastores ordenados ou ter homens e mulheres como pastores ordenados [essa escolha será protegida por garantias nos documentos relevantes a cada união, divisão e na Associação Geral, de forma que nenhuma entidade possa ser direcionada contra sua vontade a adotar uma posição diferente da que a consciência coletiva de seus constituintes defende].
- A união, na qual as decisões a nível organizacional para ordenação tem sido historicamente tomadas na Igreja Adventista do Sétimo Dia, ser autorizada por sua divisão a fazer a decisão se aprova a ordenação de homens e mulheres para o ministério evangélico.

Por este meio dedicamos nossas vidas a Deus e declaramos fidelidade à Sua Palavra conforme cumprimos a grande comissão que o Senhor confiou à Sua igreja. Maranata. Ora, vem, Senhor Jesus!

Voto de Confirmação e Compromisso

votado, confirmar que, apesar das diferenças de opinião no assunto da ordenação de mulheres, os membros da Comissão de Estudo da Teologia da Ordenação estão comprometidos com a mensagem e a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia, conforme expressas nas 28 Crenças Fundamentais.

- [1] GC 596
- [2] This document was published in the *Adventist Review*, January 22, 1987, and is available online at <https://adventistbiblicalresearch.org/materials/bible-interpretation-hermeneutics/methods-bible-study>. We will use its publication in George E. Reid, ed., *Understanding Scripture: An Adventist Approach* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2005), 329-337.
- [3] MBS, 333.
- [4] *Ibid.*, 335-336.
- [5] PP 34.
- [6] See Ed 103.
- [7] SpTED 57.
- [8] For instance, Gabriel was not a covering cherub, but was assigned that position after the fall of Lucifer. Ellen White describes Gabriel as “the angel who stands next in honor to the Son of God” (DA 99; see also 234). This was Lucifer’s position before his rebellion (cf. 4BC 1162; Conf 9; GC 495; 4BC 1143).
- [9] Unless otherwise noted, Bible quotations are from the New American Standard Bible.
- [10] Ed 20; PP 50.
- [11] Cf. YI, February 27, 1902 par. 1.
- [12] ST, October 8, 1894, pars. 2, 3.
- [13] *Ibid.*, par. 1.
- [14] PP 47.
- [15] 3T 484, emphasis added. Cf. PP 58: “In the creation God had made her the equal of Adam.” That Ellen White implies functional (role) equality without hierarchy as well as ontological equality is clear from the next sentence, in which subjection/submission of wife to husband is introduced only after the Fall: “Had they remained obedient to God—in harmony with His great law of love—they would ever have been in harmony with each other; but sin had brought discord, and now their union could be maintained and harmony preserved only by submission on the part of the one or the other.” Such contrast makes clear that such role hierarchy involving headship/submission was not present before the Fall.
- [16] PP 58 (emphasis added).
- [17] Ellen White writes: “There was dwelling in Israel, a woman illustrious for her piety, and through her the Lord chose to deliver his people” (ST, June 16, 1881 par. 4).
- [18] Linda L. Belleville, “Teaching and Usurping Authority: 1 Timothy 2:11-15,” in *Discovering Biblical Equality: Complementarity without Hierarchy* (ed. Ronald W. Pierce and Rebecca M. Groothuis; Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), 216.
- [19] See Robert Jewett and Roy David Kotansky, *Romans: A Commentary* (Hermeneia—A Critical and Historical Commentary on the Bible, Minneapolis, Min: Fortress Press, 2006), 941-942.
- [20] RH, July 9, 1895.
- [21] “A number of women were ordained as deaconesses during Ellen White’s Australian ministry. On August 10, 1895, the nominating committee at the Ashfield church in Sydney rendered its report, which was approved. The clerk’s minutes for that date state: ‘Immediately following the election, the officers were called to the front where Pastors Corliss and McCullagh set apart the elder, deacons, [and] deaconesses by prayer and the laying on of hands.’ Several years later, in the same church, W. C. White officiated at the ordination of the church officers. The minutes of the Ashfield church for January 7, 1900, state: ‘The previous Sabbath officers had been nominated and accepted for the current year, and today Elder White ordained and laid hands on the elders, deacon, and deaconesses—Adventist Review, Jan. 16, 1986.’ (“Exhibits Relating to the Ordination of Women,” a paper presented at the ministerial meeting at the 1990 General Conference session. Prepared by the White Estate staff).
- Jerry Moon commented on the statement by Ellen White: “Three responses to this appeal are known. Shortly after this was written, the Ashfield church in Sydney, Australia, not far from where Ellen White was then working, held an ordination service for newly elected church officers. “Pastors Corliss and McCullagh of the Australian conference set apart the elder, deacons, [and] deaconesses by prayer and the laying on of hands.” (Minutes of the Ashfield SDA Church, Sydney, Australia, Aug. 10, 1895, cited by A. Patrick; cf. DG 249). Notice that identical terminology is used for all three offices. Another record from the same church five years later (1900) reports the

ordination of two elders, one deacon, and two deaconesses. This time the officiating minister was W. C. White, whose diary corroborates the church records (see Patrick). A third example comes from early 1916, when E. E. Andross, then president of the Pacific Union Conference, officiated at a women's ordination service and cited Ellen White's 1895 Review article as his authority (DG 253-255). Both the internal evidence of Ellen White's 1895 article and the responses of those close to her at the time—the Ashfield church; her son W. C. White; and E. E. Andross, president of the Pacific Union Conference during her Elmshaven years—confirm that Ellen White here approved the ordination of women to a role then associated with the office of deaconess in the local church” (Jerry Moon, “Ellen White, Ordination, and Authority,” [Theology of Ordination Study Committee, July 2013], 33).

[22] G. C. Tenney, “Woman's Relation to the Cause of Christ,” RH, May 24, 1892, pp. 328-329.

[23] “The Laborer Is Worthy of His Hire,” Manuscript 43a, 1898, 5MR 324-327.

[24] Ellen G. White to Brother Johnson, n.d. (Letter 33), 1879, 19MR 56.

[25] 4T 390.

[26] 6T 322.

[27] FCE, 117-118 (emphasis added).

[28] Ev 546 (emphasis added).

[29] “The Duty of the Minister and the People,” RH, July 9, 1895 (emphasis added).

[30] Very early in Seventh-day Adventist history, the leading pioneers of the movement felt concerned about the confusion and false teachings that were sometimes manifested among the small group of Sabbatarian Adventist believers. Following the example of New Testament apostles who had set apart elders to oversee local congregations against false teachings and to administer the ordinances of baptism and the Lord's Supper, these early Adventist leaders selected promising men and set them apart with prayer and laying-on of hands. The criterion for their ordination was the “full proof” evidence “that they have received their commission from God”. By ordaining them, the group of believers “would show the sanction of the church to their going forth as messengers to carry the most solemn message ever given to men” (EW, 100-101). The ordination of these early Adventist itinerant preachers served as a rite to authorize them to speak on behalf of the church and to preserve order in the emerging church. It is interesting to note that in this passage Ellen White does not use the word ordination, but rather refers to this rite as a setting apart and a commission. This indicates that she uses these words and concepts synonymously.

[31] “Remarks Concerning the Foreign Mission Work,” Manuscript 75, 1896 (emphasis added).

[32] E.g. *TDNT*, 6:673; *NIDNTT*, 1:157. The meaning “source” is quite common in Greek literature; see Phillip B. Payne, *Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2009), 117-137. He provides a list of Greek lexicons from the earliest to the present that establish the meaning “source” for *kephalē* (123, footnote 35).

[33] ST, January 27, 1890.